



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA PSICANALÍTICA**

**O NARCISISMO E A PÓS-MODERNIDADE: CONSIDERAÇÕES
FREUDIANAS ACERCA DA CONSTITUIÇÃO DO EU**

MANUELLA ITAPARY RIBEIRO MOREIRA

Rio de Janeiro
2018

**O NARCISISMO E A PÓS-MODERNIDADE: CONSIDERAÇÕES
FREUDIANAS ACERCA DA CONSTITUIÇÃO DO EU**

MANUELLA ITAPARY RIBEIRO MOREIRA

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Tania Coelho dos Santos

Rio de Janeiro
2018

**O NARCISISMO E A PÓS-MODERNIDADE: CONSIDERAÇÕES
FREUDIANAS ACERCA DA CONSTITUIÇÃO DO EU**

MANUELLA ITAPARY RIBEIRO MOREIRA

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

APROVADA POR:

Prof^a. Dr^a. Tania Coelho dos Santos – Orientadora
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Profa^a. Dr^a. Flávia Lana Garcia de Oliveira
Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana

Prof. Dr. Fabio Malcher Martins de Oliveira
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro
2018

Moreira, Manuella Itapary Ribeiro

O Narcisismo e a Pós-Modernidade: considerações freudianas acerca da constituição do eu/ Manuella Itapary Ribeiro
Moreira - Rio de Janeiro: UFRJ/PPGTP 2018.
ix, 80 f.

Dissertação (mestrado) – UFRJ / PPGTP / Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, 2018.

Orientadora: Tania Coelho dos Santos

1. Narcisismo 2. Constituição do Eu 3. Contemporaneidade
I. Coelho dos Santos, T. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica. III. O Narcisismo e a Pós-Modernidade: considerações freudianas acerca do eu.

Agradecimentos

À professora Tania Coelho dos Santos, pela sua incansável dedicação na transmissão e orientação do saber psicanalítico. Por se fazer de referência. Pela sua extrema generosidade. Me sinto imensamente grata.

À professora Flavia Lana Garcia de Oliveira, por direcionar meu olhar aos textos freudianos de maneira clara, precisa e norteadora. Por incentivar a pesquisa científica, o saber e a prática. Por me lembrar de ter sempre coragem.

À professora Maria Cristina Antunes, pela paciência e perspicácia na transmissão da teoria freudiana. Nossos estudos despertaram em mim a mais profunda certeza no campo do sujeito e da psicanálise.

À psicanalista Fernanda Saboya, por apostar no meu trabalho e me orientar na prática institucional. Por me vincular ao desejo de aprender e crescer cada dia mais. Pela sua força e sensibilidade. Pela confiança e reciprocidade.

À Mariana Medrado Dias, pela sua dedicação, firmeza e nobreza. Por ser incansável nos seus objetivos. Por me incentivar e escutar nos momentos mais difíceis.

Às minhas colegas de profissão e amigas, Amanda Ricciari e Nathalia Martins, pela bonita trajetória acadêmica e prática que construímos. Pela mais sincera admiração, pela amizade e pelo apoio.

Aos meus pais, Eliezer Moreira e Maria de Lourdes Itapary, por serem meus ideais. Pela infinita dedicação as filhas e pelo comprometimento com a família. Pelo amor. Seus esforços provocaram em mim a mais genuína vontade de crescer, aprender e amadurecer. Principalmente de retribuir.

Às minhas irmãs, Monica, Martha, Marcella e Isabella, por me completarem nas diferenças. Pela paciência, atenção, incentivo e apoio. Por estarem sempre comigo, mesmo na distância.

À Isabella, por não me deixar desistir. Por fazer das minhas batalhas as suas. Por me compreender da maneira mais genuína. Sem você isso não seria possível.

À Ana Celia Duarte, pelo imenso amor e dedicação. Por despertar em mim o desejo de ir sempre mais além. Por enfrentar as maiores dificuldades, com dignidade, sem nunca desistir.

A Carlos Bruno, pelas conversas. Por acreditar na minha capacidade. Pelo cuidado e pela irmandade Obrigada.

A João Victor Barros, meu companheiro. Por se manter sempre presente e insistente. Por acreditar em mim quando me faltaram forças. E por continuar acreditando.

À Theresa Muniz, pelas conversas. Pela certeza incontestável no estudo, na dedicação e no trabalho. Por ser referência de força e bondade. Por me ajudar das mais diversas maneiras.

Resumo

A questão que introduz este trabalho diz respeito a formação do eu freudiano como instância psíquica, constituído pela ação da função paterna e do recalque sob o sujeito. De acordo com a teoria do narcisismo, Freud desenvolve a noção do eu atrelada à consciência e a percepção, tendo suas funções psíquicas vinculadas à realidade. A partir da segunda tópica Freud desenvolve o eu como instância reguladora do sujeito, tendo suas raízes vinculadas ao isso, origem pulsional da vida egoica. O eu como instância psíquica na segunda tópica apresenta a dinâmica pulsional que é estranha para o próprio eu e aparece na clínica como uma resistência à cura analítica. As noções freudianas quanto ao ideal também serão uma importante chave de leitura para compreensão do funcionamento do eu e do supereu, este último como representante das funções parentais no psiquismo, de acordo com as primeiras identificações na vida primitiva egoica. Em concordância com o tema de pesquisa, na contemporaneidade o dispositivo do ideal é modificado e passa a responder a partir do eu narcísico, ordenado pelo imaginário e guiado pelas fantasias de cada um. A Psicanálise freudiana desenvolve a instância egoica como potência de privação e renúncia, reguladora das funções psíquicas, mediadora das exigências entre isso e a realidade e soberana pela ação do recalque. Em oposição encontramos na atualidade o eu mínimo, sob influência do imaginário, em que vigora um mecanismo auto erótico de prazer. Em decorrência das alterações psíquicas e sociais, na atualidade encontramos uma organização subjetiva primária, enfraquecida de valor simbólico, em que a autoridade paterna parece não coordenar a operação do recalque como renúncia do desejo inconsciente. Nessa direção colhe-se sintomas de “difícil classificação”, surgindo em ato no corpo, como anorexias, bulimias, etc. Os novos sintomas são decorrentes da Pós-Modernidade, onde se acentua o gosto pelo excesso, o gozo sem limite e a contínua decadência da autoridade.

Palavras-chave: psicanálise; narcisismo; inconsciente; função paterna; autoridade; pós-modernidade; novos sintomas.

Résumé

La question qu'introduit ce travail concerne la constitution du moi freudien comme une cloison psychique dans le sujet, depuis le narcissisme. Conformément à la théorie du narcissisme, Freud développe la notion du moi comme étant liée à la celle de la conscience et celle de la perception, dont les fonctions sont liées à la réalité. Depuis la seconde topique, Freud développe le moi comme une instance régulatrice du sujet, en naissant depuis le Ça. Dans les réactions transferenceelles négatives, où le moi se présente comme une résistance à la guérison analytique, de la même façon que l'inconscient. Les conceptions freudiennes concernant l'Idéal sont également une clé de lecture importante pour la compréhension du fonctionnement du moi et du surmoi, en étant celui-ci le représentant de la fonction parentale en jeu aux premières identifications dans la vie primitive du moi. Dans la contemporanéité, le dispositif de l'idéal est modifié et dorénavant répond du moi équivalent au je l'idéal, narcissique, ordonné par l'imaginaire et guidé par les fantaisies. La psychanalyse freudienne développe l'instance égoïque sous sa puissance maximale, règlementaire des fonctions psychiques, médiatrice des exigences du Ça et de la réalité et souveraine par l'action du refoulement. Contrairement, nous retrouvons actuellement le moi minimum, sous l'influence de l'imaginaire et en accord avec un mécanisme d'autoérotisme de plaisir. En raison du déclin de les changements psychiques et sociaux, de nos jours nous retrouvons une organisation subjective primaire, drainée de la valeur symbolique, où l'autorité paternelle ne semble pas être un opérateur du refoulement. Dans cette direction, il y a des symptômes de "classification difficile", qui apparaissent dans l'acte sur le corps, comme l'anorexie, la boulimie, l'alcoolisme etc. Les nouveaux symptômes se comportent selon la Postmodernité, où est accentué le goût pour l'excès, la jouissance sans limites et la désintégration courante de l'autorité.

Mots-clés: psychanalyse; narcissisme; je; inconscient; fonction paternelle; postmodernité; nouveaux symptômes.

Sumário

Introdução	10
O eu freudiano.....	12
O sujeito da Psicanálise e a Contemporaneidade	14
Capítulo 1. A teoria do Narcisismo e a constituição do eu	17
1.1. O Narcisismo: uma nova ação psíquica do eu ideal	17
1.2. A função paterna e o surgimento do ideal do eu.....	21
1.3. O eu em Freud: um breve apanhado geral	26
1.4. O eu e o corpo	32
1.5. A psicopatologia clássica em Freud	40
Capítulo 2. Um breve estudo acerca da Contemporaneidade	45
2.1. O nascimento do sujeito e a cultura do narcisismo	47
2.2. Os novos imperativos narcísicos e a decadência do saber científico	53
2.3. O eu contemporâneo é um eu ideal?	57
2.3.1. O declínio da função paterna e a formação do eu.....	62
2.4 – A psicopatologia clássica e as novas formas de sofrimento do eu	66
Considerações finais	71
Referências bibliográficas:	77

(Vicente de Carvalho)

*Só a leve esperança, em
toda a vida,*

*Disfarça a pena de
viver, mais nada;*

*Nem é mais a
existência, resumida,*

*Que uma grande
esperança malograda.*

*O eterno sonho da alma
desterrada*

*Sonho que a traz
ansiosa e embevecida,*

*É uma hora feliz,
sempre adiada*

*E que não chega nunca
em toda a vida.*

*Essa felicidade que
supomos,*

*Árvore milagrosa que
sonhamos*

*Toda arreada de
dourados pomos,*

*Existe, sim: mas nós
não a alcançamos*

*Porque está sempre
apenas onde a pomos*

*E nunca a pomos onde
nós estamos.*

Introdução

Pode-se dizer que o interesse pela questão do narcisismo surgiu a partir da monografia que desenvolvi no último ano de formação do curso de psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) que teve como objeto de estudo *A doença como ferida narcísica no Hospital Geral* (2015). Nesse trabalho de conclusão de curso, foi possível realizar uma investigação mais aprofundada acerca da fixação da libido no eu durante a doença orgânica e as respostas subjetivas frente à passagem pela ameaça de perda.

Para a psicanálise a saída do eu do lugar de um objeto perfeito e onipotente para seus pais, de sua majestade o bebê, provoca uma ferida no narcisismo infantil e inaugura a falta. A perda do lugar de um objeto ideal para seus pais é acompanhada pelo embate diante da ameaça de castração e, nos casos de neurose, a saída ao impasse é o recalque. Em consequência desse luto original, a perda posteriormente da saúde provocada pelo surgimento de uma doença no corpo convoca a instância egoica a novamente, reestruturar-se a partir da falta de equivalência entre o eu e o ideal. Com o aparecimento da doença orgânica, também surge o diagnóstico e possíveis tratamentos, intervenções médicas, reações medicamentosas e internações hospitalares. Assim, o corpo perde o seu estatuto organizador e totalizador das sensações, unificador das pulsões, gerenciador do bem-estar e da saúde física e, pela ferida no narcisismo, a instância egoica é convocada a responder a possível ameaça à sua integridade.

O processo de elaboração de luto está de acordo com a falta de unidade do corpo e da saúde do organismo. As situações de perda no corpo despertam uma falta de interesse pelo mundo e pelas pessoas, trazem um sentimento de tristeza, melancolia e angústia e somente o órgão doente parece deter a atenção do sujeito. Para Freud em *Luto e Melancolia* (1917) o luto é vivenciado como uma perda no próprio eu, aproximando o processo de luto com a neurose narcísica (melancolia) ambas como uma experiência da perda do objeto de amor e ameaça no campo do eu. No luto normal o objeto de amor foi perdido na realidade e a libido do objeto permanece retida na fantasia, posteriormente é investida em outro objeto que seja elevado pelo sujeito a posição de objeto amado, já na melancolia o objeto de amor não estava na realidade, ele nunca foi perdido no mundo

real. O objeto de amor para o melancólico é um objeto que o decepciona no campo do ideal e para não abandoná-lo, o melancólico faz uma identificação maciça ao objeto, que assim permanece retido no próprio eu como uma parte de si.

Sobre essas reflexões, conclui que pude me apropriar de um maior conhecimento da teoria do narcisismo em Freud (1914) somado à experiência prática em um Hospital Geral na Zona Sul do Rio de Janeiro, a partir da orientação da psicanalista chefe do serviço de clínica aplicada ao hospital Fernanda Saboya¹ supervisionado pela doutora Tania Coelho dos Santos². Na prática de um psicanalista dentro do Hospital Geral surgem diversas situações de ordem subjetiva e institucional, em que é preciso levar em conta caso a caso para escolher como intervir. Diferentemente da prática no consultório, a psicanálise aplicada ao Hospital inaugura novos impasses no campo da transferência e da demanda de tratamento, uma vez que ali o pedido de ajuda está direcionado para o médico como mestre. Ainda mais, é preciso que o psicanalista esteja atento as repercussões psíquicas geradas pelo adoecimento e intervir considerando os discursos dentro da normatividade institucional. Nesse sentido, o que possibilita a entrada de um psicanalista na instituição é a escuta no campo do sujeito, a fim de intervir sob o campo do desejo e do laço com a vida e tratamento. Portanto, é a falência da saúde que inaugura uma falta no campo do eu, nesse sentido é possível estudar o narcisismo atrelado a integridade da saúde e o encontro com a ameaça de perda real no corpo, a partir da doença orgânica.

A prática tem como base a escuta clínica, onde foi possível recolher diferentes discursos atrelados ao imaginário, ao corpo vivenciado ainda de uma forma auto erótica e ao eu vinculado às características narcísicas, dotado de perfeição, distante de qualquer falha ou possibilidade de fracasso, em concordância com as exigências de um tratamento imediatista tendo em vista a cura a qualquer custo. A partir dessas coordenadas surgiu um novo tema de pesquisa, organizado pelo estudo do fracasso da função paterna na contemporaneidade e o declínio da autoridade do mestre e do recalque como regulador dos excessos pulsionais e da censura. Ainda, o surgimento cada vez maior no ambiente

¹ Psicóloga. Psicanalista. Coordenadora dos Serviço de Psicologia do Hospital Copa D'OR e do Copa Star, Rio de Janeiro. Pós-graduada em Psicologia Médica pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (FCM-UERJ). Membro Associado do Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana (ISEPOL).

² Psicanalista. Membro da École de la Cause Freudienne, da Escola Brasileira de Psicanálise e da Associação Mundial de Psicanálise, Presidente no Núcleo Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana (ISEPOL), Doutora pela PUC/RJ, Pós-doutora pelo Departamento de Psicanálise de Paris VIII, Professora Associada IV do Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ, Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental, Editora da revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana).

hospitalar de demandas de “salvação” através de recursos tecnológicos e exigências médicas parecem estar em desacordo com a gravidade do quadro de saúde. A partir desses relatos na prática clínica, foi possível notar uma novidade no campo do eu e sua relação com o recalque e com o narcisismo na atualidade.

O eu freudiano:

O eu é um conceito freudiano clássico que precisa ser repensado diante da clínica atual, assim como os estudos sobre o narcisismo e o recalque. O eu para Freud corresponde a instância de maestria do sujeito, organizador e regulador do seu comportamento, mas também ao campo da dúvida, da divisão, das formações de compromisso. Essa dupla dinâmica egoica na psicanálise diz respeito ao sujeito dividido por duas exigências conflitantes, opostas, que não falam a mesma língua e que buscam conciliar-se por meio do sintoma: uma formação de compromisso entre o inconsciente e a consciência. Entretanto, o eu em equivalência ao lugar de potência subjetiva, ordenador dos processos secundários e do recalque parece estar minimizado nos dias atuais. O estudo da neurose e psicose, a partir das noções de inconsciente e consciência, culminou no desenvolvimento de teorias psicológicas cujo aprimoramento resultaria no florescer do saber e da prática psicanalítica. Dessa forma, as novas formulações suscitadas pelos questionamentos sobre o eu da atualidade e as observações clínicas levam a uma indagação sobre a possível decadência do valor simbólico do eu comprometido com o recalque, conforme ensinado pela teoria psicanalítica.

Freud no artigo *Sobre o Narcisismo: Uma introdução* (1914) afirma que o narcisismo é o gatilho necessário ao surgimento do eu como instância, de onde se desenvolve o amor de si e a autoestima. O amor de si é derivado do amor dos pais, que amam sua criança e dela cuidam como ‘uma majestade’. Tamanho investimento libidinal organiza as pulsões sexuais no eu a partir do corpo e da imagem de si, ordenado pela fala e pelo olhar do outro materno. Nos casos em que há fixação no campo do narcisismo encontramos uma psicopatologia do eu, onde o eu é primitivo, devastado pelo caos pulsional, auto erótico, indiferenciado, fragmentado, ausente de amarras simbólicas que propiciem um lugar civilizatório. A exacerbação do eu aparece nos sintomas psicóticos que denunciam o funcionamento primitivo do eu, marcado pelos delírios de megalomania e paranoia, em uma tentativa de reestabelecer o vínculo ao laço social por meio do sintoma persecutório, sem qualquer possibilidade de acordo entre o desejo inconsciente e a realidade. Na psicose o eu não se constitui de forma autônoma, individual, de acordo com o desejo

inaugurado pelo recalque;,mas sim pela colagem ao desejo de outrem – desejo materno – fixado numa posição passiva de objeto de desejo do outro primordial.

Esse trabalho tem como problema de pesquisa a novidade observada no campo do eu da atualidade, deslocado da posição reguladora da censura e do recalque e vinculado às exigências de onipotência e perfeição narcísica tipicamente imaginárias. O estudo do narcisismo está nessa mesma direção, uma vez que a falha, a falta, a perda de sentido e o fracasso são sentidos pelo eu atual como uma ferida narcísica que precisa ser recompensada através de demandas imaginárias de perfeição. A mesma problemática é constatada na prática clínica, onde as exigências de cura a qualquer preço, de negação da realidade, de destituição da autoridade médica do lugar de mestre e de discursos atrelados ao imaginário aparecem como um impasse institucional. A dificuldade em tratar a saúde orgânica é consequência da negação da falha no corpo pelo adoecimento, trazendo novos desafios ao tratamento médico. A hipótese construída nessa dissertação é a de que o eu contemporâneo apresenta características correspondentes às do eu na psicose, em que se observa uma exacerbação do eu onipotente, porém ainda minimamente regulado pelos processos civilizatórios e pelo recalque.

Retornamos ao estudo da constituição do eu em Freud nos casos de neurose e psicose e também ao recalque para desenvolver a hipótese que correlaciona narcisismo a pós-modernidade. Entende-se nessa dissertação que o termo pós-modernidade se refere a época em que vivemos, uma vez que as diretrizes da idade moderna, cientificismo e razão, não parecem reger as normatividades sociais. Em contrapartida, os dias atuais estão em concordância com o saber imediato, com o tempo do agora, em que o cálculo e a certeza são substituídos pela busca do prazer. As bases teóricas que justificam o uso do termo pós-modernidade serão justificadas no capítulo 2 desse mesmo trabalho (tópico 2.2).

Se faz necessário retomar as principais características do eu desenvolvidas ao longo da primeira tópica, onde o eu como instância não existe e é aproximado da consciência pelas funções percepção, motilidade e consciência. A partir dos avanços possibilitados pela teoria da pulsão de morte desenvolvida em 1920, e pela segunda tópica desenvolvida em *O eu e o isso* de 1923, o eu é apresentado como uma instância psíquica, responsável pela mediação entre os desejos inconscientes e a realidade. Então, o eu se aproxima do indivíduo e representa seus desejos, vontades, atua na vida e aproxima o psiquismo da ação. Mais além, o eu como instância se presta a atender os impulsos do isso, que tenta emergir na consciência, e às demandas da realidade.

Diante destas considerações, nos interrogamos: Como se dá o surgimento do eu em Freud? Em que consiste o eu na contemporaneidade? Recorremos a Freud novamente, ele destaca no texto de 1989 *Projeto para uma psicologia científica*, que o sujeito nasce desprovido de um aparato instintivo que garanta sua sobrevivência desde o início da vida. De início o homem nasce em um estado de desamparo primário e depende completamente de um outro de boa vontade que promova sua sobrevivência e seus cuidados. No decorrer desses cuidados com o corpo se instaura uma forma de satisfação não só direcionada ao saciamento da fome, mas é, para além, um prazer vinculado ao outro primordial. Nesta senda, Freud (1923) ensina que o eu é antes de tudo um eu corporal e é a partir da manutenção do corpo que a vida orgânica e a vida psíquica se constituem, atreladas ao desejo do outro materno.

Alguns elementos, considerados importantes para a temática aqui tratada serão mais bem desenvolvidos ao longo desse trabalho. O eu em Freud corresponde ao eu marcado pelo recalque, associado ao ideal do eu e vivenciado pela autoridade ética e moral do supereu. Todavia, diz respeito a uma instância aferrada à autoridade da função paterna, que se submete a metáfora paterna e garante a autoconservação do sujeito. A partir da internalização da função paterna pela ação do recalque, os processos secundários se desenvolvem no psiquismo e vinculam o sujeito ao laço social da cultura e da civilização. Em contradição, na contemporaneidade, o eu se comporta em oposição à ação reguladora do recalque e não parece se submeter a autoridade fálica. O eu como instância reguladora da vida psíquica do sujeito é rebaixado ao narcisismo de cada um. A fantasia de onipotência narcísica se torna cada vez mais real e aparece através de discursos de oposição e revolta em relação à autoridade. Torna-se difícil recolher dos discursos atuais a admiração pelo ideal parental e a validação das regras, leis e sanções como formas de organização e estruturação do coletivo.

O sujeito da Psicanálise e a Contemporaneidade:

O presente trabalho pretende enfatizar a distância entre o eu pós-moderno e o eu submetido ao recalque, atravessado pelo Complexo de Édipo e constituído pela identificação paterna. Este é o sujeito da época moderna, já que valoriza o saber vinculado a razão e a ciência. A descoberta do inconsciente é o ponto de distância entre a Psicanálise e a ciência, pois inaugura um saber que não pode ser matematizado e calculado e então é descartado como objeto de estudo científico. Neste sentido, se ressalta nesse trabalho a oposição existente entre o sujeito da época moderna e do discurso científico e o sujeito da pós-modernidade.

O sujeito da psicanálise é o sujeito da ciência, constituído a partir da modernidade e normatizado pela razão. O seu saber é contrário ao saber divino e ao saber monárquico, portanto, tendo no homem o centro do conhecimento. A problemática que se instaura entre o campo da ciência e o campo da psicanálise diz respeito ao seu objeto de estudo, enquanto a ciência privilegia o que é palpável, objetivo e calculável do comportamento humano a psicanálise considera o oposto: o que é da ordem pulsional, fora da consciência e da razão como o que é a verdade do sujeito.

A consolidação do Estado Moderno dá início a um profundo processo de mudanças nas relações dos indivíduos com o saber e com o mundo em que vivem. Com a ruptura do antigo regime monárquico e a superação da 'realeza' como poder, a novidade que surge diz respeito ao sujeito e ao laço social. A estruturação social passa a ser atravessada pelo estabelecimento de uma sociedade burocrática que tem como princípio a liberdade e igualdade entre os homens. O centro dessas transformações é a fundação do discurso da ciência moderna, que privilegia o saber como investigação, de maneira objetiva, centralizada no homem como detentor da lógica e da razão. No estado moderno é a constituição que regular os comportamentos através da atribuição de direitos e deveres

O sujeito moderno corresponde ao eu freudiano, que medeia as relações com a realidade de acordo com a lógica, a razão, a censura e o cálculo. Enquanto isso, o desejo inconsciente irrefreável e oposto ao laço civilizatório permanece recalcado e distanciado da cultura. Porém, ainda presente pelos sintomas, chistes, atos falhos e sonhos. A hipótese desenvolvida aqui é de que o eu pós-moderno parece estar em contradição à positivação das regras do cenário social e legal em vigor.

Com o declínio da autoridade do monarca e da religião, representadas pelo rei e Deus, as antigas verdades do mundo antigo são desconstruídas. A resposta possível a criação da sociedade civil coloca o homem no centro do mundo, a partir da razão e a ciência como verdade absoluta. Essa nova forma de se organizar em sociedade ganha respaldo nos movimentos Humanista e Racionalista. Concordamos que a era moderna facilitava uma constituição social que tinha na moral, razão e renúncia meios de existência em coletividade.

Também as construções subjetivas modernas estavam de acordo com esse cenário social da época e privilegiavam uma forma de existir equiparada ao funcionamento do recalque. Em oposição, na atualidade colhe-se uma novidade acerca do sujeito e do laço social. A decadência da primazia do conhecimento lógico e da razão em detrimento do saber

imaginário promovido pelas alterações na cultura – o advento do capitalismo e o declínio da função paterna.

Coelho dos Santos (2001), inclui não somente os movimentos sociais feministas e as reivindicações pela liberdade sexual, mas a própria difusão da psicanálise dentre os fatores que levaram à dissolução da autoridade paterna. A autora enfatiza que a atitude frente a disseminação do saber psicanalítico teve como consequência o alargamento da noção de que a sociedade reprime a sexualidade, gerando uma atitude de liberalização das pulsões sexuais. Como consequência colhe-se novos ideais coletivos radicalmente individualistas, centrados na liberdade e na igualdade. A subjetivação da falta fálica a partir do complexo de castração e a submissão a função paterna parecem entrar em decadência do laço social atual, em resposta se colhe respostas subjetivas pouco atreladas ao recalque e a sublimação.

CAPÍTULO 1

A teoria do Narcisismo e a constituição do eu

1.1 – O Narcisismo: uma nova ação psíquica do eu ideal

O narcisismo primário não existe desde o princípio da vida infantil. O que se apresenta no funcionamento psíquico originário é o autoerotismo. A fase autoerótica acontece a partir dos primeiros cuidados fisiológicos e vitais da criança. Por meio da alimentação o bebê vive a satisfação vital da nutrição e também da erogenização da boca pela sucção. O resultado dessa estimulação oral é o autoerotismo: momento em que a criança vive por meio do seu corpo a estimulação da zona oral ao sugar a pele, tal como fazia durante a amamentação ao sugar o seio da mãe. Uma vez que a criança realiza a sucção do seio materno como forma de alimentação, concomitantemente ela vive um prazer que busca reviver ao sugar a mucosa da pele. Logo o autoerotismo se refere ao comportamento infantil de buscar em si mesmo e no seu corpo formas de satisfação que não nos objetos do mundo externo.

Esse comportamento durante o desenvolvimento infantil diz respeito a uma fase primária, em que não há a instância egoica, mas pedaços do corpo, parciais, sem unidade e coerência. A esse estado inicial de autoerotismo é adicionado uma nova ação psíquica que retira o sujeito dessa experiência alienante consigo mesmo e o coloca no mundo. Será então, através da ação do narcisismo, quando o eu é formado e o sujeito pode se relacionar com o laço social e os objetos fora dele próprio.

Mas o que acarreta o narcisismo? Foi dito que o narcisismo não está ali desde o início, pois provém de uma ação externa que instaura na criança o desenvolvimento do eu. Para Freud (1914, p. 97), essa nova ação psíquica é a reminiscência do narcisismo perdido dos pais, que já há muito o abandonaram: “Assim eles se acham sob a compulsão de atribuir todas as perfeições ao filho – o que uma observação sóbria não permitiria – e de ocultar e esquecer todas as deficiências dele [...]”

O narcisismo infantil emerge a partir do amor dos pais para com os seus filhos, que depositam nele o resto do seu próprio narcisismo perdido:

A criança concretizará os sonhos dourados que os pais jamais realizaram- o menino se tornara um grande homem e um herói em lugar do pai, e a menina se casará com um príncipe como compensação para sua mãe. No ponto mais sensível do sistema narcisista, a imortalidade do eu, tão oprimida pela realidade, a segurança é alcançada por meio do refúgio na criança (FREUD, 1914, p. 98).

O que o amor onipotente dos pais demonstra é uma tentativa de reviver o seu próprio narcisismo perdido, através do filho. Isso a dedicação materna ao seu bebê, manuseando seu corpo com todo o afeto e amando a criança como uma majestade – “Sua Majestade O Bebê”. O lugar que a criança ocupa ultrapassa o lugar de investimento libidinal, pois nesse momento ela se torna uma continuação narcísica dos pais. Assim, podemos dizer que o narcisismo primário não é o narcisismo da criança e sim dos pais, que é o projetam na criança, colocando-a criança no lugar de objeto onipotente.

O narcisismo primário revive o narcisismo parental perdido. O que sobra dessa transferência é o amor de si, transferido dos pais para o filho. Portanto, ao colocar a criança no lugar de objeto a ser admirado, detentor de toda perfeição, os pais acabam por colocá-la numa posição privilegiada. O eu que se constitui a partir do narcisismo perdido dos pais, lugar de onipotência pertencente ao eu enquanto ideal, em que a criança é equivalente ao ideal parental. O amor próprio vivido pela criança é fundamental para a constituição de seu narcisismo, quanto mais a criança puder amar a si mesma em sua

onipotência narcísica, mais fortemente será fixado o ideal, o qual de início é o próprio eu infantil.

Pode-se dizer, que o narcisismo se caracteriza pelo amor infantil. A criança ao ocupar o lugar de ideal que lhe é conferido pelos pais se torna o centro de todo o amor. Aqui ela também toma a si própria como um objeto de amor, tal como os pais fizeram. A libido tanto de fora, dos pais, como a do eu que se forma é deslocada para a criança. A partir desse investimento libidinal a criança ama a si mesma como seu primeiro objeto e passa então investir em outros objetos do mundo externo. “Esse eu ideal é agora alvo do amor de si mesmo (self-love) desfrutado na infância pelo eu real. O narcisismo do indivíduo surge deslocado em direção a esse novo eu ideal, o qual, como o eu infantil, se acha possuído de toda perfeição de valor.” (FREUD, 1914, p. 100).

Para Freud (1914) a vivência da satisfação narcísica garante a constituição do eu ideal. A criança é amada como objeto e goza da posição de onipotência que ocupa através do narcisismo. O autoerotismo erogenizou o corpo como fonte de satisfação e o narcisismo mantém essa condição infantil de prazer em si através do eu ideal. Contudo, a entrada da função paterna como agente da castração acaba por interromper esse momento idealizado.

A partir do complexo de castração as pulsões do eu, que até então estavam mescladas às pulsões sexuais, se veem em oposição. O encontro do menino com a castração tem como reação a ansiedade em relação ao pênis e na menina a inveja do pênis. Em ambos os casos Freud fala de uma tendência ainda narcísica de evitar a saída do narcisismo, permanecendo na posição de objeto do outro.

O encontro com a castração, leva a diminuição dos anseios megalomaniacos da fase narcísica. A criança que uma vez foi ‘Sua Majestade’ encontra-se numa nova situação, em que o seu lugar privilegiado está ameaçado. A entrada da função paterna cria uma barreira ao narcisismo infantil e ao eu ideal. Ademais o narcisismo infantil se vê ameaçado na medida em que o outro materno também responde à ordem fálica. Em suma, a função paterna cria uma tríade na relação mãe-bebê colocando o pai como detentor do falo e agente da castração.

Na obra *Três ensaios sobre a Sexualidade Infantil*, Freud (1905) remete a censura como uma forma de defesa subjetiva contra as pulsões sexuais. A partir do encontro infantil com a diferença sexual a criança se defende desse trauma através do recalçamento, nos casos de neurose. Eis o que Freud institui como o grande trauma infantil e o que

desencadeia o temor da castração: a diferença sexual. O menino diante do encontro com a castração apresenta temor de perder o pênis e de ser castrado e assim se submete à ordem fálica identificado com o seu corpo biológico pelo falo e com a forma de sexuação masculina. A menina vive o sofrimento do temor da castração a partir da “inferioridade do clitóris”, na medida em que se depara com a falta constitutiva do pênis. A passagem pelo complexo de Édipo e a entrada na inscrição simbólica viabilizam que o eu seja agenciado pelo simbólico e pelo recalque, o que permite a saída do eu ideal para o ideal do eu.

Na neurose o sujeito é submetido à lei edipiana e renuncia ao amor infantil. Diante da ameaça de castração o eu se submete à interdição paterna e identifica-se com o ideal. A ameaça de castração também é uma ameaça à integridade física e psíquica da criança, tal temor vincula o eu infantil em direção a identificação ao ideal paterno e leva a renúncia dos desejos imediatos em nome do compartilhamento social. Vemos nesse ponto uma oposição de forças entre o eu narcísico - detentor de todas as perfeições - e a realidade, fixada num arcabouço linguístico e simbólico que interdita a posição narcisista de pura onipotência e instaura a lei do Outro paterno.

Freud (1914, p.100) diz que: “Como acontece sempre que a libido está envolvida, mais uma vez aqui o homem se mostra incapaz de abrir mão de uma satisfação de que outrora desfrutou”. O eu infantil não está disposto a desistir do seu lugar de ‘majestade’ e renunciar a satisfação pulsional ali envolvida. Na tentativa de manter desse estado único em que o seu eu real era equivalente ao ideal, o sujeito faz o maior esforço possível para retornar àquele momento de perfeição narcísica. Como é impossível retornar ao estado originário, a melhor saída é erigir para si mesmo um ideal do eu com o qual o eu real possa se comparar. O sujeito estabelece assim, para si mesmo uma meta de identificação ao que ele poderá se tornar no futuro.

Desse modo, pode-se dizer que o eu infantil uma vez ocupou o lugar de eu ideal. Porém, a partir do encontro com a castração e da entrada da função paterna a criança perde sua posição onipotente. Aqui um novo agente é imposto, proveniente de fora, do mundo externo, representante simbólico concentrado na função paterna. Esse novo agente é o

ideal do eu, fator condicionante do recalque e mais tarde desenvolvido por Freud (1923) como supereu.³

Esse novo agente superegóico tem a função de regular o eu real em direção ao ideal. Essa instância superior realiza a tarefa de assegurar a satisfação narcisista e com essa finalidade observa constantemente o eu, medindo-o através do ideal. Quanto mais próximo o eu real está do ideal maior a satisfação narcisista ao reviver aquele momento perdido de pura perfeição. Segundo Freud (1914), a percepção clínica da instância crítica aparece através do delírio de sermos 'vigados'.

Esse fenômeno clínico é associado às doenças paranoides ou vistos em pontuais situações de neuroses de transferência, de acordo com relatos dos pacientes de estarem sendo vigados e supervisionados por vozes que lhe falam na terceira pessoa. Um poder desse tipo, que vigia constantemente e censura os pensamentos antes de virarem atos realmente existe, e aparece na psicopatologia, bem como na vida comum.

O poderoso agente que censura os pensamentos e intenções do eu surge por influência das figuras parentais, com suas críticas transmitidas pela voz e ao qual se somam terceiros, como educadores. O ideal ao regular o eu, concentra grande quantidade de libido narcisista e possui enorme satisfação em conservá-la. A instância do eu se desenvolve, portanto, a partir da identificação com o outro parental e depois pelo enlaçamento social. Porém, a libido narcisista permanece remanescente, numa tentativa incansável de retorno ao momento de onipotência perdida.

É possível concluir que o eu é constituído pelo ideal e também que o ideal possui dupla função durante a constituição egoica. Logo no início da vida infantil o eu surge atrelado a fase narcisista, detentor de toda perfeição e então equivalente ao eu ideal e é posteriormente substituído pelo ideal do eu, representante psíquico da função paterna e ordenação simbólica. O eu possui essa dupla face, pois a libido narcisista concentrada na formação do ideal pressiona o retorno a essa satisfação perdida em oposição ao regimento da cultura e das normas civilizatórias. Logo, o eu é constituído por uma perda da satisfação narcísica de ser seu próprio ideal e pela renúncia dessa antiga posição a favor do ideal paterno e das amarras simbólicas trazidas pela função paterna.

³O supereu é a instância psíquica superior ao eu, representante da voz parental no psiquismo, agente moral da lei e da ordenação simbólica. Segundo Freud, o supereu se constitui a partir das primeiras identificações primitivas ao eu, remanescentes do isso, o que explica seu caráter pulsional.

O ideal do eu, portanto, é um implante externo, feito por meio do espelhamento da função paterna e da imposição de regras e normas sociais. A ambivalência do eu se apresenta sob uma tentativa de reviver a posição narcísica própria do eu infantil em oposição a ação do ideal, que imprime o recalque. A fantasia narcísica de onipotência é rompida então pela submissão do eu a autoridade fálica e o eu passa a investir em outros objetos do mundo externo a partir da ação de seu ideal.

1.2 – A função paterna e o surgimento do ideal do eu

À sombra do narcisismo dos pais, a criança era o ideal. Na medida em que cresce ela percebe que fora dela existem outros interesses e que ela mesma precisa se submeter a outras normas que antes não existiam. A ordem que rege a criança e também a mãe é a ordem fálica, e por isso, o desejo materno está para além da criança, vinculado ao desejo do falo. O ideal não é mais o eu infantil e por essa razão a criança precisa se submeter às exigências sociais para reconquistar o centro do amor parental. Portanto se instala uma “condição” para que ela seja amada, profundamente vinculada a função paterna e a uma ferida no narcisismo primário.

Eis então um novo ideal a ser alcançado, acima do seu próprio eu. Dessa forma, ultrapassar o amor de si leva em consideração o ponto em que o indivíduo consente com a existência do outro paterno como lei simbólica, ao qual o seu próprio eu precisará se submeter. É através da introjeção do ideal externo, trazido pela função paterna, que a criança se distancia do seu próprio narcisismo em nome do laço social e do compartilhamento simbólico. Portanto, por meio da internalização do ideal, que tem como base o eu paterno, e da passagem pelo Complexo de Édipo a criança pode se equipar pelo alicerce simbólico e realizar a entrada na cultura e na civilização.

A criança que uma vez ocupou o lugar de perfeição narcísica precisará se readaptar às novas exigências da realidade. O eu ideal, o qual se ultrapassou, abre espaço para o desenvolvimento de um novo ideal, o ideal do eu abriga em si a busca pelo ideal infantil, o desejo de retomada do lugar de perfeição. O circuito libidinal funciona através do redirecionamento da libido, que antes estava alocada no narcisismo para outros objetos do mundo externo. Em vista disso, o trabalho da libido agora parte do eu em direção aos objetos, dos laços que se estabelecem para além do narcisismo, os quais estão localizados nos laços sociais, já que o objeto de amor não está mais dentro, no próprio eu, e sim fora, no outro.

O eu que se constitui como eu ideal, infantil, objeto de amor do outro agora ganha marcas simbólicas, traços da cultura e da civilização. Uma nova posição passa a vigorar, pois o eu não está mais fixado à posição de objeto centro do amor do outro, alienado ao desejo incestuoso e inconsciente. Para além, o eu ordenado pelo ideal permite uma nova forma de laço social, a partir da realidade e do recalque. A renúncia a satisfação e a saída do lugar de onipotência narcísica garante o deslocamento da libido, a inscrição da diferenciação mãe-bebê e fixação de um ideal organizado pela função paterna.

Na medida em que o eu desloca seu interesse para outros objetos do mundo externo a libido remanescente no eu é empobrecida. O deslocamento a libido do eu para o Outro da linguagem, externo, permite uma nova forma de satisfação pelo censor crítico e pela aproximação do ideal. Em suma, o eu renuncia a autossatisfação em nome da satisfação pelo ideal, que engloba a si e ao outro.

Além disso, o ideal do eu impõe severas condições ao eu e forte crivo à satisfação narcísica, assim a libido do eu precisa se deslocar para os objetos do mundo externo que se “encaixem” no sensor crítico do ideal paterno. A princípio, a satisfação libidinal era vivida através do eu ideal e do lugar de onipotência narcísica, não obstante, essa dinâmica se transforma e a satisfação é obtida a partir da aproximação do eu em direção ao ideal do pai. Dessa maneira, quanto mais o eu está de acordo com as imposições do ideal fixado maior a satisfação narcísica vivida nele. A aproximação entre o eu real e o ideal do eu desemboca na satisfação no campo do narcisismo e da libido egoica. A função parental se faz notar através da “voz da consciência” que ressoa internamente, de acordo com o ideal do eu e da função paterna.

A partir do momento em que o eu vive a satisfação narcísica de ser seu próprio ideal, dificilmente ele consentirá em renunciar a essa satisfação. Após a saída do narcisismo o eu real tentará reviver o gozo narcísico pela vivência do amor de si, alcançado pela aproximação ao ideal. Na medida em que a criança cresce, também muda o seu lugar diante das figuras parentais e de si próprio, ultrapassando a perfeição e a onipotência. O narcisismo infantil é perturbado e o eu infantil precisa se submeter a novas regras sociais e despertar um senso crítico.

Na tentativa de não perder a posição narcísica o eu se modifica e busca se encaixar nas expectativas das figuras parentais. Para reviver a satisfação narcísica perdida o eu precisa ser tudo aquilo acredita ser esperado dele, por isso retoma sua busca pelo eu ideal. Pode-se dizer que a perda de satisfação libidinal corresponde a perda do lugar de perfeição narcísica e tem como consequência uma fixação libidinal no gozo onipotente.

Por isso o eu segue ao longo da vida mediado pelo ideal e respondendo a ele como o ensaio de um retorno à satisfação narcísica perdida. A submissão ao ideal se torna o mecanismo de acesso ao narcisismo infantil, como salienta Freud (1914, p. 101): “O que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era seu próprio ideal”.

O ideal do eu corresponde a nova função psíquica no eu, que não estava presente no início da vida infantil. O ideal inova o funcionamento egóico e inaugura na constituição do sujeito as marcas da civilização e da linguagem, em concordância com a simbolização da função paterna como representante da autoridade fálica. Portanto, o ideal traz consigo a simbolização da função paterna, agente da castração e introdutor da falta que agencia o sujeito no processo civilizatório.

Nos primeiros ensinamentos de Lacan (1985-1986) o ideal do eu localiza a noção de um Outro que garante as relações do eu com outros objetos e com a sua própria identidade. No artigo de 1921 intitulado *Psicologia de grupo e análise do eu*, o ideal do eu representa para Freud a função responsável por apaziguar os excessos imaginários próprios do eu infantil e ordená-lo no laço social.

O grande Outro em Lacan é o lugar da determinação simbólica, pilar dos significantes que marcam o sujeito e o constituem a partir da identificação com o ideal. A identificação em Freud serve como mecanismo de constituição do eu, a partir do qual esse se desloca da posição de objeto para posição de agente pela passagem pelo Complexo de Édipo e recalque. Lacan em 1988 no *Seminário 7* denomina essa operação como identificação ao traço unário, pois se trata da relação inaugural entre sujeito e significante, ou em última instância da relação primeira do sujeito com o campo do Outro.

A identificação ao traço unário diz respeito à negatização, na medida em que aponta para uma falta e impõe sua inscrição. Uma vez que a mãe é marcada pela falta fálica e o seu desejo vinculado ao homem como portador do falo surge uma inscrição da falta fálica. O narcisismo infantil é abalado pela falta inscrita na mãe e pelo desejo materno para além da criança onipotente. O resultado dessa operação é a apropriação do ideal pelo eu infantil, que se dispõe com a falta e passa a ocupar o lugar de agente do desejo recalcado. Ainda para Lacan em 1949 *O estádio do espelho como formador do eu* o ideal é compreendido como um significante isolado na identificação ao Outro, se destacando e possibilitando a identificação parcial aos traços do ideal.

Ao renunciar da posição narcísica e submeter-se à ordem fálica o eu sofre no que equivale ao seu aspecto mais infantil: a supremacia do imaginário e do pensamento mágico e toda a satisfação ali envolvida. O eu marcado pela função do ideal é vinculado aos dados de realidade, falta fálica e simbolização do Outro, estreitando uma profunda separação com o narcisismo infantil. Essa nova formulação não cessa as tentativas de reviver a satisfação perdida, porém a satisfação é incompleta e vivenciada pela realização do ideal. Dessa forma, no lugar do eu ideal permanecem os resquícios do amor de si, das fantasias imaginárias e da constituição do narcisismo.

Freud (1914) registra que no decorrer da vida normal a libido objetual pode se voltar novamente ao eu, tal como uma vez já ocorreu no narcisismo originário. Esse retorno libidinal ocorreria, segundo o autor, diante de situações específicas da vida adulta, por exemplo na doença orgânica. Nas situações de adoecimento toda a libido objetual se concentra no órgão doente e o que se refere ao mundo externo sofre um empobrecimento libidinal, uma vez que toda a libido está voltada para a dor da doença. Freud (1900) também cita os sonhos como exemplo, em que a libido objetual retorna ao eu como um mecanismo de sobrevivência e proteção egoica. O mecanismo do sono, outrora descrito no artigo *A interpretação dos sonhos* demonstra que no estado de sono o indivíduo possui toda a libido concentrada no eu, despertando psicologicamente uma vivência tal como um delírio psicótico.

Os casos que se referem à psicose ajudam a retratar a fixação libidinal narcísica no eu, pois é esse o mecanismo predominante nos sintomas. Sobre isso Freud (1914) diz que o sujeito psicótico não consegue investir a sua libido nos objetos do mundo externo, a libido narcísica fica por inteiro no eu e a pulsão não ganha contorno ou sublimação. Lacan que inicia sua teoria a partir da prática clínica com pacientes esquizofrênicos, vê nos delírios de perseguição e megalomania tentativas de estabelecer um contato com o mundo externo. Por isso, o quadro delirante serve como uma tentativa de organização do mundo, investir nos objetos e encontrar um lugar dentro do compartilhamento social, através da realização do delírio. Também quando por algum motivo a catexia libidinal narcísica falha, o sintoma delirante aparece como uma tentativa de ligar o excesso libidinal a algum objeto. De modo similar a paranoia mantém a exacerbação do eu, como na megalomania, e realiza o investimento objetual no outro como de acordo com o delírio. Em 1917, Freud parte das novas formulações sobre o narcisismo para desenvolver a teoria de uma neurose narcísica, ao qual ele chamará de melancolia. Anteriormente foi visto que o eu é formado pelas primeiras identificações, cuja primeira e mais essencial

de todas é a mãe. O eu infantil inicia sua vida psíquica colado ao outro materno, mas, quando essa separação não se opera, o indivíduo permanece numa posição de objeto do outro e não aceita perder o objeto de amor. Numa tentativa de manter esse objeto colado ao eu, ele se identifica totalmente, fixando o objeto como parte de si: é uma identificação maciça. Já a neurose narcísica se caracteriza pelo amor próprio, pois ama aquele que o ama: eis o tipo de escolha narcisista. Diferentemente da escolha amorosa na neurose, as situações melancólicas são marcadas pelo o eu narcísico, que se vê às voltas com a saída da posição de objeto, mantendo-se fixado nessa posição infantil.

Ainda na melancolia, vemos que a identificação com o primeiro objeto de amor se torna uma identificação total e que a criança não consegue sair da relação alienada com a figura materna. Nesse caso o eu infantil se identifica com a mãe de uma forma canibalesca, deseja devorar a mãe, e a introjeta como uma parte de si próprio. Freud (1917) faz uma comparação entre a melancolia e o luto num estudo sobre a perda do objeto de amor. O luto seria a reação à perda de um ente querido, onde depois de vivenciada essa fase, seria possível retomar a vida 'normal'. Passada a vivência do luto, o investimento em outros objetos seria possível, como uma resposta neurótica a suprindo na fantasia a falta do objeto amado e finalmente, ao fim do luto possibilitaria uma restituição do laço libidinal com a realidade.

Na melancolia, o objeto de amor não morre na realidade, ele não está perdido visivelmente, o objeto que aqui se perde é o objeto da primeira identificação narcísica e o melancólico persiste vigorosamente em não aceitar tamanha perda. O melancólico perdeu algo que não está na realidade, a sua inibição melancólica não tem um motivo aparente, diferente do luto em que o objeto está perdido na realidade. Os traços mentais melancólicos são bastantes característicos e não parecem consentir com o teste de realidade, são eles: desânimo profundo, falta de interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, inibição de qualquer atividade de interesse e uma diminuição intensa da autoestima. Como consequência dessa perda da autoestima, vemos na melancolia uma recriminação exacerbada, autocensura e autopunição.

O delírio de inferioridade que marca a melancolia em última instância pode acarretar o desligamento da vida. O sofrimento melancólico é um sofrimento de ordem moral, dessa forma a moralidade exacerbada faz com o que o melancólico odeie o que tem dentro de si, seu próprio eu, isto no caso da melancolia é o outro totalmente identificado ao eu. O melancólico é acometido pela insônia e recusa se alimentar. No que diz respeito a sua autocrítica, ele se descreve como mesquinho, egoísta e desonesto, detentor da posição de

dejeto. Vemos, portanto, que uma parte do seu eu se volta contra a outra, julga-a criticamente e a coloca como objeto, eis o que Freud denomina de bipartição do eu (1917). Os casos de melancolia despertam interesse no que diz respeito à relação mãe-bebê e a rejeição à saída da relação simbiótica eu-Outro. O Nome-do-Pai não opera como agente da norma fálica e não se faz presente como possibilidade de ideal para identificação do eu infantil. Para Freud (1914) o outro materno tem a função de garantir ao bebê a vida, promovendo suas necessidades vitais e básicas.

A entrada da função paterna desvencilha o eu infantil da posição de objeto do outro materno e permite o processo de diferenciação do eu ideal e desse modo, a aproximação ao ideal do eu. O pai se faz valer como outra opção identificadora ao eu infantil, permitindo a identificação parcial aos traços do outro e a entrada no laço social. Diante da submissão à ordem fálica o eu infantil é marcado pela perda narcísica e pela partilha da lei simbólica. A partir da inscrição do ideal do eu derivado da função paterna o eu infantil se encaminha em direção aos processos civilizatórios atrelados aos processos psíquicos secundários. Por fim, pode-se falar do recalque como uma defesa diante do desejo incestuoso, tendo o pai como detentor do falo que encarna a lei da castração e gerencia a entrada no Complexo de Édipo. Logo, o eu infantil encara a renúncia aos desejos inconscientes incestuosos em relação à mãe, em favor da ordem fálica, e das satisfações vinculadas ao recalque e a cultura.

1.3- O eu em Freud: um breve apanhado geral

O estudo do desenvolvimento do eu a partir do narcisismo ensina sobre a relevância de abordar o eu como instância psíquica, inaugurado pela segunda tópica do aparelho psíquico. As mudanças teóricas que provocam a evolução na teoria freudiana se iniciaram a partir da formulação da pulsão de morte. Pelos estudos clínicos com os soldados que retornaram da guerra e sofreram com os sonhos traumáticos, se desenvolveu uma nova noção do aparelho psíquico. Freud (1920) apresenta no artigo *Mais além do princípio do prazer* um mecanismo psíquico marcado pela repetição como fonte de prazer de maneira mais direta e independente.

Somado a isso também está a observação da brincadeira infantil marcada pela repetição e seguida pela expressão jubilosa da criança no ato de deixar ir embora o objeto e resgatá-lo novamente, ensaiando o distanciamento infantil em relação ao objeto de amor/mãe. Freud observa ainda, que no lugar da afetação negativa envolvida na perda do objeto, surpreendentemente, a criança parece experimentar uma satisfação sublime.

Através da brincadeira do *fort-da* (desaparecimento e retorno), da transferência negativa e das neuroses traumáticas pode-se notar uma satisfação envolvida na perda do objeto também como uma repetição compulsória ao desprazer.

A partir daí a teoria das pulsões e do funcionamento psíquico como era conhecida na primeira tópica é modificada. Se antes a oposição entre as pulsões do eu e pulsões sexuais gerenciavam o aparelho psíquico, desde a descoberta da compulsão a repetição essa oposição ganha novos aspectos teóricos. Na medida em que as pulsões sexuais possuem a mesma finalidade que as pulsões do eu, garantir a manutenção da vida, ambas passam a pertencer às pulsões de vida. Em contrapartida estão as pulsões de morte, que são nomeadas a partir de uma tendência do organismo de retorno a um estado inerte de tensão, através do princípio de Nirvana⁴.

O princípio de Nirvana é o precursor do aparelho psíquico pela economia libidinal e é definido como um estado de zero excitação, tendência natural de retorno ao estado nulo, ou seja, a própria morte. Essa força redutora está presente desde o nascimento e leva o organismo para a única certeza, a morte. Segundo Freud (1923) a pulsão de vida não nega o seu oposto, mas direciona o organismo em direção à vida e a melhor forma de mantê-la até que o momento da morte se aproxime.

Desde a nova dualidade pulsional da segunda tópica (pulsão de vida e pulsão de morte), Freud (1923) atribui uma nova função ao eu ao lado da pulsão de vida: as pulsões sexuais. Essas últimas trazem uma novidade a partir de 1920 em diante, pois ganham uma nova significação na teoria psicanalítica, na medida em que estão alinhadas ao teste de realidade e à consciência. Ainda permanecem no direcionamento da manutenção da vida pela reprodução da espécie e buscam a conservação desta. Diferentemente da primeira tópica em que as pulsões sexuais estavam atreladas ao inconsciente, na segunda tópica as pulsões sexuais estão a serviço do eu.

Além disso, o eu como instância está vinculado ao inconsciente/id, arraigado à pulsão de morte e a compulsão a repetição, sobre os quais o eu não tem nenhum domínio. Diante desse mecanismo psíquico, Freud (1920) comenta que as manifestações de uma compulsão à repetição apresentam um alto grau de caráter instintual e quando opostas ao princípio do prazer, dão aparência de uma força demoníaca e irrefreável em ação, própria do isso.

⁴ Projeto para uma psicologia científica (1898).

Ao concentrar a libido do eu e a libido sexual ao lado de *Eros* (vida) Freud (1920) inaugura uma nova condição para o eu, que não só vinculado à percepção e à censura, mas figura como o grande reservatório libidinal. A libido que permanece vinculada ao eu é chamada de narcisista e ao lado dela está a libido sexual, que parte do eu em direção aos objetos do mundo externo ou retorna para o eu através da introjeção. Desse modo, a distinção entre pulsões sexuais e pulsões do eu no decorrer da primeira tópica freudiana era qualitativa, no entanto, a partir do desenvolvimento da segunda tópica essa distinção é meramente topográfica e a oposição dual que se sobressai se refere às pulsões de vida e de morte.

Além da pulsão de morte e da nova teoria pulsional, é também na segunda tópica que se desenvolve a noção de eu como instância psíquica para além da consciência/percepção. Freud (1923) desenvolve em *O eu e o isso* um novo mecanismo psíquico que se sobressai à antiga oposição inconsciente – consciente/pré-consciente. Por sua vez, a noção de inconsciente é modificada e não se equivale somente ao material censurado ou fora da consciência, mas o isso como algo desconhecido e inconsciente inerente ao sujeito.

O eu se desenvolve inicialmente pelo sistema perceptivo e passa a abranger o pré-consciente, que também funciona como reservatório dos restos mnêmicos no aparelho psíquico. A função perceptiva direciona a atenção para as manifestações do mundo interno e externo, que se correspondem através da linguagem e dos restos da memória em imagens. A parte que é inconsciente do eu corresponde ao início da sua vida ativa, através dos restos deixados pelas primeiras identificações que constituíram o eu infantil. Logo o eu se vê abalado pelas forças inconscientes, que só se fazem surgir por meio da sensação de desprazer provocada pela ação do recalque (FREUD, 1923).

Por isso, o eu tenta manter a razão sob o isso, que é detentor das paixões: tamanha força irrompe sobre o eu e tenta mediar as demandas internas e externas. Nesse sentido, o eu não é o senhor de sua própria casa e precisa se dividir entre duas forças opostas, com diferentes exigências. Essa nova noção trazida por Freud, coloca o eu numa posição passiva diante do isso, que pressiona e insiste em direção à consciência, onde o eu tenta a todo custo, de forma ativa, instalar a censura. Os enlaçamentos simbólicos e culturais, bem como a realidade proporcionam ao eu a possibilidade de exercer sua função repressora, por intermédio da simbolização da moral da cultura e civilização. Dessa forma, a instância egoica/egoica está atrelada a vida, a reprodução e ao laço social; em

contradição à tendência inata de reviver o sofrimento de maneira repetida e contrária a existência, demonstrando dois lados opostos próprios ao sujeito.

Estamos então na segunda tópica e em contato com a ideia do eu como instância existente para todos, em sua função organizadora dos processos mentais ligados aos processos conscientes e ao teste de realidade. Freud fala do eu como responsável pelo gerenciamento do recalque, mediação entre os desejos do isso e o laço civilizatório, ainda vinculado ao princípio de realidade. É o agente que vai dormir à noite, por conseguinte, aquele que supervisiona todos os processos mentais durante o dia. Acerca disso, surge em Freud um novo ponto observado na clínica como algo que se comporta como uma resistência à cura:

Dizemos-lhe então que está dominado por uma resistência, mas ele se acha inteiramente inadvertido do fato e, mesmo que adivinhe, por seus sentimentos desprazerosos, que uma resistência encontra-se então em ação nele, não sabe o que é ou como descrevê-la. (FREUD, 1923, p. 31).

A resistência observada no processo analítico ensinou Freud sobre algo no próprio eu que é inconsciente e que se comporta tal como o conteúdo recalcado, sublinhado por uma barreira ao processo analítico em direção à cura e às interpretações inconscientes. Esse remanescente clínico apresenta uma nova conotação no que diz respeito ao funcionamento subjetivo, tal como uma barreira ao bem-estar e a cura e impõe novas exigências ao tratamento. O eu não é mais abordado no que tange ao consciente e pré-consciente, como mera superfície em contato com o mundo externo, mas é também no seu aspecto pulsional, contrário à autoconservação.

Ainda sobre o eu pode-se dizer que esse passa a ser compreendido como uma instância que tem marcas do inconsciente e que não controla inteiramente o sujeito. O que ocorre é que, em sua constituição do eu ele está fundido ao isso, tem as suas raízes no isso e dali se desenvolve até a percepção, o que os mantém numa profunda relação na qual o eu procura aplicar as influências do mundo externo em si e ao isso. Segundo Freud (1923) o eu e a percepção estão um para o outro da mesma forma que as pulsões estão para o isso. É possível dizer ainda que devido à constituição egoica o eu só se separa do isso a partir das experiências com a realidade, passando a funcionar como um representante do mundo externo na mente.

O eu está para o isso tal como um cavaleiro para um cavalo selvagem, o qual tenta manter controlada a força do cavalo. O cavaleiro tenta manter-se o máximo de tempo possível junto ao cavalo e conduzi-lo no melhor caminho, bem como muitas vezes também guiá-lo aonde o próprio cavalo deseja ir. O cavaleiro se serve como o

representante do desejo do animal, colocando em prática sua vontade, pois de semelhante maneira é essa a função do eu para o isso, de tentar conduzir os impulsos inconscientes para a realidade e transformar em ação os desejos reprimidos, sob a censura das exigências da cultura (FREUD, 1923).

Ainda sobre o eu e sua relação com o corpo, pode-se dizer que o próprio corpo funciona para o eu como um objeto do mundo externo, sendo fonte de catexia libidinal e servindo de superfície entre as experiências internas e externas. A sua forte conexão com o mundo pelas percepções e sensações promove-lhe a posição de privilégio dentre os outros objetos. Desse modo, o corpo ganha estatuto de objeto em relação ao próprio eu, serve-se da libido objetal e é eleito como objeto especial, pois aproxima os processos mentais da realidade. Isso explica a repetição de experiências que aproximem corpo-mente tal como a experiência do tato e da dor, Freud (1923, p. 39) diz: “o eu é antes de tudo, um eu corporal”.

O eu se presta como representante psíquico do mundo externo, que tenta mediar as exigências inconscientes junto à realidade. Por isso, o eu tem o papel de mediar e julgar as exigências do mundo externo e submeter as exigências pulsionais do isso, tentando correlacionar a vivência de duas modalidades: o isso e a realidade. Também o próprio eu é submetido a mais uma exigência, o supereu, que vigia e regula o eu, precisando se submeter a diferentes imposições, internas e externas. Pode-se afirmar, portanto, que a instância egoica se constitui a partir de antigas identificações que já foram investidas e abandonadas pelo isso. São essas catexias abandonadas que são introjetadas no eu, uma vez que elas são essas catexias abandonadas que irão caracterizar o eu no início de sua vida psíquica (FREUD, 1923).

O supereu tal como o eu também se forma a partir do isso, através das catexias abandonadas, pois é esse precipitado de catexia que guarda a origem do supereu. Dessa forma, a constituição superegoica tem suas raízes na vida filogenética do isso, como a parte mais primitiva no percurso do desenvolvimento do eu e, portanto, como uma reencarnação das mais antigas estruturas do eu. O resultado desse processo desemboca na constituição do supereu, estando mais próximo do isso do que do próprio eu e atuando como parte do isso no eu (FREUD, 1923).

Já foi retificado que o eu é marcado por aspectos inconscientes, não sendo completamente consciente e tendo fincado suas raízes no isso. A parte do eu que trabalha junto ao isso é o supereu, a partir das primeiras identificações infantis que marcaram o nascimento do eu. As figuras parentais serviram de identificações parciais na

constituição do eu e deixaram suas marcas na formação de um agente especial responsável pela autocrítica e pela autocensura. Essa ‘instância especial’ responsável por vigiar o eu real e dirigi-lo em direção ao ideal foi apresentada por Freud (1914) no artigo sobre o narcisismo como ideal do eu, e posteriormente em 1921 em *Psicologia de grupo* é ressaltado em seu aspecto social. A noção de supereu surge na segunda tópica como herdeiro do Complexo de Édipo e resíduo das primeiras identificações primitivas do eu: “Tal como a criança esteve um dia sob a compulsão de obedecer aos pais, assim o ego se submete ao imperativo categórico do seu supereu [...]” (FREUD, 1923, p. 63). O supereu na neurose é o representante psíquico da lei simbólica mediada pela função paterna, precursor na vida infantil do processo civilizatório e sublimatório. O supereu, no seu aspecto pulsional, possui características mortíferas no que diz respeito aos casos de psicose, como na melancolia. Nota-se no artigo de 1917, *Luto e Melancolia* que o eu permanece colado ao objeto de amor e numa tentativa de não perder o objeto o eu se identifica totalmente a ele, mantendo-se na posição de objeto do outro. Nesses casos, o supereu que se constitui, herda a identificação total e assume caráter cruel, como resultado da identificação canibalesca. O objeto de amor é internalizado e a separação proveniente da função paterna não se inscreve, os restos dessa operação aparecem na constituição do supereu, o qual se volta para o eu com repreensões mortíferas. O duelo melancólico entre o supereu e o eu acaba por retratar a raiva originária do eu infantil em relação ao objeto de amor que o decepciona (FREUD, 1917).

Com a nova leitura acerca do aparelho psíquico, desenvolvida em 1923, o eu recebe novos atributos e, a antiga dicotomia das funções inconsciente/consciente – pré-consciente é substituída pelas instâncias eu - isso. Diante da teorização sobre a pulsão de morte, o eu ganha aspecto pulsional e o desenvolvimento acerca do aspecto inconsciente do eu proporciona uma nova chave de leitura em relação à prática e às resistências que aparecem através das transferências negativas e do apego ao sintoma. Essa nova abordagem explica o aspecto pulsional presente nas situações clínicas em que a interpretação parece não operar.

Ademais, na primeira tópica o conteúdo recalcado estava em equivalência ao que não estava ao alcance da consciência. A compreensão da dinâmica do inconsciente como o conteúdo fora da consciência permeou a primeira tópica até a constituição da teoria sobre o narcisismo. Com base nas novas proposições presentes na segunda tópica, Freud desenvolve uma abordagem do inconsciente já atrelado tanto ao eu como ao isso no seu aspecto pulsional. A hipótese aqui demarcada é de que justamente o eu em Freud é

dividido entre duas forças que fazem exigências e forçam o eu e essa instância egoica entre o desejo inconsciente marcado pelas pulsões no eu e o desejo civilizatório, marcado pelo ideal do eu, recalque, função paterna e laço social.

Por meio da percepção clínica acerca da relação transferencial negativa como um impeditivo ao restabelecimento e do forte sentimento de culpa inconsciente, Freud (1920) percebe uma tendência subjetiva que é inata ao sofrimento. Diz respeito é um sentimento inconsciente de culpa, ao que Freud chama de ‘fator moral’ e que encontra satisfação na doença pela punição e sofrimento. O sujeito não se sente conscientemente culpado por algo que fez na realidade, entretanto, esse sentimento de culpa inconsciente aparece como sintoma e aumenta a resistência à cura. O ponto destacado por esses fenômenos direciona para um mecanismo de compulsão a repetição, que engloba um gozo no sintoma.

Uma vez que se tornou possível comentar brevemente sobre a constituição da instância egoica a partir do narcisismo, do ideal e do supereu, se torna possível também articular o eu em relação à pós-modernidade. Deparamo-nos, nesse ínterim, com a seguinte questão: o eu que operava na clínica freudiana da neurose é o mesmo que opera nos dias de hoje? Mais ainda, qual seria a função do supereu como agente da moralidade no psiquismo na chamada pós-modernidade? O agente regulador seria ainda equivalente ao herdeiro do Complexo de Édipo, representante simbólico do Nome-do-Pai, o supereu da identificação paterna?

1.4 – O eu e o corpo

Como se sabe, Freud não partiu do estudo empírico direto com crianças, suas conclusões acerca da sexualidade infantil foram extraídas tendo como base o relato de suas pacientes históricas adultas. Sua tese é a de que a amnésia histórica equivale à amnésia infantil. Mais do que isso: defende que a sexualidade neurótica permanece num estado infantil uma vez que o corpo das históricas parece aproximar as zonas erógenas parciais tal qual o órgão genital. O próprio sintoma histórico aponta, através dos sintomas conversivos, para a libidinização do corpo como o próprio objeto sexual em toda sua excitabilidade.

O desenvolvimento libidinal humano comprova que a noção de sexualidade para a psicanálise não se restringe ao encontro genital entre os sexos para a reprodução. A sexualidade humana é tipicamente infantil, portanto, essencialmente perversa e polimorfa, seu fundamento não é a genitalidade, mas sim a pulsão sexual. (FREUD, 1905). Devido à prematura condição biológica e à ausência de um aparato instintivo, o homem nasce em um estado de desamparo original e, por isso, depende de um outro que assegure sua sobrevivência. Por esse motivo, acaba por estabelecer fortes vínculos emocionais com aqueles que dele cuidam. A satisfação vivida de ser cuidado cria uma nova forma de dependência, que ultrapassa a dependência biológica, laço do qual o melhor exemplo é a relação do bebê com a mãe/seio materno, que ao mesmo tempo se insere como fonte da obtenção do alimento e também, de satisfação sexual pela sucção oral.

Freud (1898) enuncia em *Projeto Para Uma Psicologia Científica* que o homem não nasce com um aparelho instintivo pronto, tal como os outros animais, ele nasce em um estado peculiar, no qual sem os cuidados de um 'outro de boa vontade' sua sobrevivência é impossibilitada. A partir do gerenciamento das suas necessidades fisiológicas cria-se um laço estreito com aquele que atende às suas necessidades, promovendo uma nova satisfação que o marcará durante toda a sua vida. Nesse sentido os estudos de Freud acerca do inconsciente apontam para a ausência da vida psíquica como a conhecemos no início da vida humana.

No princípio da existência orgânica aparecem as pulsões que atravessam o corpo do sujeito antes mesmo do nascimento do eu, onde deixaram como marcas, a linguagem e a estrutura simbólica, que vão originar o eu infantil. O que a psicanálise ensina é que não há uma consciência de si desde o início da vida psíquica, mas um corpo marcado pelo desejo do grande Outro parental e pelas pulsões. Essas primeiras marcas inconscientes surgem no psiquismo por meio da "memória inconsciente" (1989), expressada por caminhos facilitados em que determinada satisfação que se repete de maneira compulsiva. A memória inconsciente não é equivalente a uma cópia psíquica do que se passou na realidade e sim as vias de transmissão abertas que marcaram o sujeito de forma única no início da vida pulsional. A repetição psíquica através dos caminhos facilitados é o que Freud designa em 1914 em, *Recordar, Repetir e Elaborar*, de compulsão à repetição, e é justamente pela repetição que é possível notar que o funcionamento primário psíquico não está a serviço da consciência e da sobrevivência, já que prioriza a repetição da satisfação sem qualquer vínculo com a realidade.

As marcas remanescentes do amor do outro aparecem inconscientemente pelos caminhos facilitados da repetição das experiências de satisfação. O desejo do Outro marca o corpo infantil pela libido investida e deixa no eu infantil a herança simbólica remanescente do amor parental. Essa é a característica primordial da vida humana, o lugar simbólico que permeia a existência e deixará as marcas inconscientes no sujeito. Desse ponto em diante, o próprio corpo infantil ganha um contorno que não só biológico, mas também pulsional. No decorrer do seu crescimento fisiológico o bebê se torna mais independente e não precisa necessariamente do seio materno para se alimentar. Afim de não perder uma satisfação já conquistada, a criança substitui o seio por partes do seu corpo, a exemplo, o polegar, isto é, ato de sugar o corpo assegura o autoerotismo infantil e mantém a zona erógena presente. Dessa forma, o autoerotismo marca uma fase inicial da libido em que o corpo é dividido em zonas parciais e onde a satisfação encontra-se no próprio corpo, sem qualquer relação com a realidade.

Investigações recentes chamaram nossa atenção para um estágio na história evolutiva da libido, que se cruza com o caminho que vai do autoerotismo ao amor objetal. Este estágio foi designado como narcisismo. Consiste no momento do desenvolvimento do indivíduo em que ele reúne suas pulsões sexuais de atividade auto erótica, para ganhar um objeto de amor. Toma a si próprio e o seu próprio corpo antes de passar para a escolha de um objeto que seja outra pessoa (FREUD, 1911, p. 56).

A própria relação do eu com o corpo promove a constituição da superfície corporal como mais um dos objetos fontes da libido. A relação do eu com a sua imagem através alteridade, marca o corpo como um objeto de amor. Em 1923, Freud diz que, o eu se faz de objeto de amor ao isso, ele precisa ser amado e investido pela catexia proveniente do isso. Somente amando a si mesmo e se tomando como objeto de investimento pulsional o eu poderá amar a outros objetos do mundo externo.

A autoestima para Freud é constituída pelo resto da libido narcisista que restou no eu. Tal remanescente da libido é transferido para os objetos do mundo externo. Portanto, quanto maior o investimento objetal mais empobrecido o eu de libido. Sobre esse ponto Freud (1914) elabora que quando apaixonado o sujeito sofre um empobrecimento da libido no eu, agora voltada para o objeto de amor, demonstrando uma flexibilidade libidinal na escolha do objeto.

Retorna-se ao narcisismo ao explicar que o eu se forma a partir dos investimentos narcísicos das figuras parentais, o que chamamos de narcisismo primário. A partir do momento em que o eu é banhado pela libido narcísica dos pais, no seu cerne se constitui o eu ideal. Dessa maneira, no momento em que o eu real não corresponde mais ao ideal a vigorosa posição narcísica também se perde, promovendo uma profunda ferida no

narcisismo. A instauração do ideal do eu destrona “Sua Majestade o Bebê” e o retira do lugar de onipotência. Em síntese, a saída do narcisismo primário e a introjeção do ideal no eu, a partir da função paterna, destitui o eu real narcísico e instaura uma nova relação consigo e com o mundo externo a partir do recalque e do ideal.

Com a entrada do Outro paterno através do Complexo de Édipo e do encontro com a castração uma falta é inscrita pelo recalque. A libido narcísica é nesse sentido remanejada para o ideal e se abre à possibilidade de novas apostas na cultura e na civilização. Do ponto de vista laciano, o que vem perturbar o narcisismo primário é o Complexo de Castração, somente desse modo que se opera o reconhecimento de uma incompletude, possibilitando o despertar de um novo desejo, providenciado pela falta.

As primeiras experiências de satisfação são autoeróticas e, dizem respeito às funções vitais de autoconservação, tais como a alimentação, os cuidados e a proteção da criança. Nessa perspectiva, as pulsões sexuais de satisfação estão apoiadas nas pulsões do eu, que tem como objetivo a satisfação no corpo. Somente ultrapassada a fase do narcisismo as pulsões autoeróticas irão se organizar no corpo e poderão ser investidas em outros objetos do mundo externo. Para Freud (1905) o primeiro objeto de amor da criança é quem dela cuida (mãe) e o laço mãe-bebê está estreitamente vinculado a própria satisfação autoerótica do corpo. Após adotar a mãe como modelo de amor, o eu passa a investir em outros objetos do mundo, como revela Freud (1914, p.108) “(...) o ser humano possui dois objetos sexuais primordiais: ele mesmo e a mulher que dele cuida (...)”.

Vale ressaltar a correspondência, do que Lacan assinala como estágio do espelho: por volta dos seis meses de idade o bebê reage diante da percepção de sua própria imagem no espelho. Em Lacan (1949), o bebê tem uma representação fantasmática do corpo, na qual este aparece fragmentado, pois ainda não consegue diferenciar o que é seu e o que é do outro. O estágio do espelho não é apenas um momento no desenvolvimento libidinal, é um modelo de vínculo que operará durante toda a vida. O olhar do outro produz no sujeito sua identidade, por reflexo. Através do olhar do outro que o sujeito sabe quem ele é, esse jogo narcisista se constitui de fora para dentro, ou seja, do olhar da mãe para o bebê, promovendo uma organização do corpo e do psiquismo infantil.

No texto *Eu pele*, de Dominique Cupa (2004), o corpo é desenvolvido pela noção de pele, onde esta se constitui como fronteira, referente ao eu e o outro e acaba por criar uma barreira do interno-externo. O corpo funciona também como uma forma de defesa para manter a separação entre o eu e o outro, no que diz respeito à relação dual mãe-criança. Sobre essa barreira em relação ao que vem de fora e é sentido como invasivo, o corpo

pode se defender, se fechar aos estímulos externos excessivos e permitir uma comunicação precária em relação aos objetos de fora. Quando os pais não colocam a criança no lugar de onipotência e acariciam e afagam seu corpo o eu narcísico não se constitui em sua onipotência e a imagem corporal permanece fragmentada, precária e solúvel em correspondência ao autoerotismo.

Freud (1900) diz que o corpo de um sujeito, acima de tudo sua superfície, de acordo com a percepção e do pré-consciente, constitui um lugar onde se originam sensações internas e externas. Na medida em que o eu se forma a partir do eixo psiquismo-realidade, cria-se um elo entre o mundo externo e o mundo interno e ali se apresentam as informações vindas da realidade. Essa influência sensorial também influencia a constituição do eu como continuação do corpo biológico, da imagem e em concordância com o princípio de auto conservação ao longo da vida.

As relações de forças libidinais no eu dão pistas sobre os primórdios do narcisismo infantil. O primeiro objeto de amor da criança é a si mesma e seu próprio corpo. A partir disso vemos a formação do eu enraizado no narcisismo, portanto, no amor de si. Na medida em que a criança cresce e novos ideais são impostos de fora, ela se identifica com as figuras parentais e ultrapassa o autoerotismo. Em decorrência dessa mudança de posição e da introjeção do ideal que o eu poderá se relacionar com outros objetos e fazer novos laços libidinais.

Adiante, Lacan desenvolve nos primeiros seminários (1985-1986) um momento mítico, no qual a criança se olha no espelho e reconhece a si mesma como uma unidade. Acerca disso ele diz que a criança ama a si mesma e a sua imagem no espelho. Esse enamoramento narcísico que coloca o eu infantil no lugar de ideal é o ponto chave do narcisismo e que garante a estruturação egoica. Ao mesmo tempo em que o ideal do eu é um ponto de alteridade a partir do qual o sujeito se constitui na sua singularidade, o eu ideal é a imagem da qual o sujeito vai se servir para constituir tanto sua imagem corporal quanto a realidade. Para Lacan, o reconhecimento da imagem no espelho instaura um novo momento da identificação, em que o sujeito passa a se identificar com o Outro e com o laço social, passando a ser mais um entre outros da espécie humana.

Lacan (1953) aborda a articulação entre as noções desenvolvidas por Freud (1914) chamadas de eu ideal e ideal do eu. A partir dessas concepções freudianas acerca do narcisismo, Lacan afirma que uma unidade comparável ao eu constitui-se num dado momento da história do sujeito – o que já vimos com Freud – e que “o eu humano se constitui sobre o fundamento da relação imaginária” (ibid., p. 137). Sobre o momento

mítico da formação do eu e do reconhecimento da sua imagem Lacan chama de “estádio do espelho”.

O estágio do espelho diz respeito ao primeiro encontro da criança com a sua imagem através do olhar no espelho. Tal encontro se inicia de fora, pela mãe e depois pela criança, possibilitando o surgimento de um eu. Esse momento lúdico precipita a entrada da criança na linguagem, pois ali ela já recebe pistas do todo, dos objetos de fora, apesar de ainda não fazer parte deste e do seu corpo ainda estar em desenvolvimento fisiológico.

Nesse sentido a questão do narcisismo retorna em Lacan, de acordo com a questão analítica da transferência, em que o analista ocuparia para o analisando o lugar de ideal. Enfatiza nos seminários de 1985 e 1986 que a relação amorosa sempre envolve a questão do narcisismo do sujeito, onde se desperta no imaginário a fantasia perdida de objeto de amor dotado de perfeições para o outro primordial.

Somente com a entrada do ideal imposto de fora é que o sujeito abre mão do amor narcísico, em detrimento do amor a outros objetos do mundo externo. Portanto, ama o ideal na medida em que ama a si mesmo como o eu ideal que uma vez foi. A tentativa de retorno à posição de onipotência é reeditada através das relações do eu com o outro e com a realidade, sob a forma de fantasias. Por essa razão Lacan fala da relação que o sujeito mantém consigo e com os outros, que permanece sempre mediada pelo imaginário.

Para Lacan, a relação com a realidade e com a alteridade se inicia de maneira fictícia, pelo momento imediatamente prévio do reconhecimento da imagem unificada e da identificação com o Outro, transmissor do simbólico. O narcisismo primário seria possível através do olhar da mãe que, ao cuidar de seu filho significa esta experiência de corpo e reconhece os pedaços da imagem como um todo, dando sentido à imagem de si no espelho e do mundo.

É nessa antecipação do encontro com a própria imagem pelo olhar da mãe, que se constitui um modelo e uma primeira diferenciação em relação ao outro materno. Portanto, nessa relação inaugural de reconhecimento do seu corpo, o sujeito investe em si como um objeto, fragmentos do mundo externo, uma imagem especular. Seria então essa a primeira experiência de miragem de um todo que permitiria a apropriação do corpo, sob uma forma ainda inaugural e primitiva, numa espécie de precipitação do que virá a ser.

O encontro com a imagem no espelho não partiria da criança e sim da mãe, como um olhar de fora que promove uma unidade de acordo com o reconhecimento que é dado por outro. Esse Outro primordial ao olhar a imagem da criança e significá-la permite que se desenvolva ali uma função de eu, imaginária. Logo, o corpo infantil que era solto,

fragmentado e pulsional acaba por se organizar e se ordenar nos eixos simbólicos através da ordenação da mãe que identifica ali um sujeito em vias de ser.

O encontro narcísico com a sua imagem vai ser festejado jubilosamente pela criança. Essa é a primeira identificação narcísica, momento da instalação da matriz simbólica e que situa o ser vivo em relação à realidade e sob o qual ele vai responder de forma fantasiosa, pelas funções do eu e do imaginário. O narcisismo se vê envolvido na formação do eu, unificando as pulsões parciais e autoeróticas através da imagem no espelho. O que permite a unificação é o investimento libidinal da imagem do sujeito, como objeto privilegiado. É o estágio do espelho que acaba por nortear o corpo infantil e a imagem de si, de acordo com a unidade das partes do corpo que se relacionam umas com as outras aos moldes dos outros seres humanos e que o coloca diante da realidade como um ser diferenciado e único.

Sob essa percepção, a primeira informação apreendida da imagem no espelho é percepção da realidade, de um todo, de um regimento sob o qual se existe. Após se ver como pertencente a um todo e perceber a existência da realidade, o sujeito se reconhece como unificado e diferenciado. Por consequência, a primeira relação com a imagem de si é objetal, como algo estranho que está fora e é reconhecida como não-eu, tu. Somente depois que essa imagem é apreendida como a imagem de si, provoca o nascimento de um eu dentro de um circuito simbólico da realidade.

Em concordância com o nascimento do eu se inaugura uma relação imaginária com a realidade, através da imagem. Isso quer dizer que o próprio nascimento do eu e das suas funções está enraizado numa profunda relação imaginária, através da imagem e da fantasia. Existe aqui um eu – tu, um investimento na imagem de fora que na verdade é a imagem do eu. De início o investimento libidinal é externo, fora do eu, onde o eu é deslocado ao lugar de primazia libidinal e posteriormente poderá investir sua libido em sua própria imagem, fora de si, inaugurando o eu como objeto do amor do próprio eu. O neurótico se defende do real através da fantasia como substituta dessa realidade, enquanto na psicose não existe essa possibilidade de formação do imaginário. Para o neurótico a relação imaginária com o mundo permite a identificação com o outro e uma substituição por vias da fantasia.

A constituição do eu gerenciado pelo olhar do outro sobre a primeira imagem refletida no espelho garante o funcionamento narcísico e sua relação com o imaginário. O primeiro narcisismo em Lacan fala desse encontro lúdico da criança com pedaços da sua imagem, que instaura uma ‘imago’ que gerencia a relação com a realidade. Somente através deste

primeiro contato com a diferenciação é que se estabelece a matriz simbólica que permitirá outra forma de identificação no segundo momento do narcisismo.

Enquanto o narcisismo primário é promovido pelo olhar do outro materno, que está supervisionando e significando à experiência do bebê, o narcisismo secundário diz respeito ao reconhecimento psíquico do eu como unidade e do seu corpo a partir da imagem refletida. Essa reflexão diante do espelho permite ao sujeito uma nova ação imaginária, de acordo com a capacidade de reconhecimento de si mediante a realidade. A imagem no espelho introduz o narcisismo e coloca o homem como referência inicial, como ideal a ser seguido mediante identificação, reiterando o que expressa Lacan (1966, p. 169) “o sujeito vê o seu ser numa reflexão em relação ao outro, isto é, em relação ao eu-Ideal”.⁵

Por isso, a imagem refletida de si mesmo permite ao homem uma relação com a alteridade e com o circuito simbólico. Esse momento de reflexão provocado pela imagem no espelho permite uma nova apropriação em relação a si mesmo e em relação aos outros. Logo, a formação imaginária do eu diz respeito justamente a esta antecipação simbólica do encontro com a realidade, de si como sendo diferente do outro, momento da unificação da experiência psíquica e corporal, da parte e do todo, o eu-tu. Eis a dinâmica reconhecida pelo estádio do espelho, que carrega essa dupla função e que gerencia a economia libidinal.

Em desfecho, pode-se afirmar que o ideal é relacionado a um investimento libidinal que não será nunca abandonado, da mesma forma que a imagem sempre estará em sua urgência em relação a esse ideal. Assim, a satisfação pulsional, por sua vez, depende dessa dupla relação, instaurada pelo olhar da mãe sobre o bebê, eu ideal, dotado de perfeições e que posteriormente se identifica como parte do todo, pela identificação. O ideal que se fixa passa a ser norteador da entrada do eu imaginário no simbólico e as relações que se estabelecem com os objetos do mundo externo. A respeito do ideal Lacan (ibid) diz que as relações entre o eu e o outro apontam para uma satisfação vinculada a situação primitiva, o que se ama é a mulher que alimenta e o homem que protege.

Esta forma de se relacionar equivale à sedução própria do narcisismo, uma vez que corresponde à existência de um ser perfeito, fechado em si só, satisfeito e pleno. Por

⁵O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica (LACAN, 1966).

consequente, ao renunciar à posição de ‘Sua Majestade’ o sujeito é marcado por um novo ideal, pela identificação com a função paterna, ideal imposto de fora e que retira o eu do lugar de objeto completo de amor do outro. É para o ideal do eu que vai todo o amor de si, perfeito e onipotente, que a criança viveu no narcisismo primário. Quando esse momento infantil é ultrapassado a libido que antes estava investida no eu passa a ser redirecionada para outros objetos do mundo externo.

1.5 - A psicopatologia clássica em Freud

Em seu livro *A Interpretação dos sonhos* de 1900, Freud inaugura uma formalização acerca do aparelho psíquico. O passo mais importante dessa formalização foi o surgimento do inconsciente como sede dos desejos edipianos recalçados. Freud aprendeu pela prática clínica com suas pacientes histéricas que os sintomas que apareciam no corpo estavam relacionados a um trauma de ordem sexual e que a amnésia histérica acerca desse evento traumático era correlata a amnésia infantil.

O desenvolvimento da libido em Freud (1905) tem início no autoerotismo e se desenvolve para a fase oral e anal. Também expressa que a sexualidade infantil é perversa e polimorfa, uma vez que independe do mundo externo para obter prazer e tem nas zonas parciais a satisfação e não no órgão genital por excelência. Essa forma de prazer sexual infantil, concentrada no próprio corpo se perpetua durante o narcisismo, momento em que o eu infantil ocupa o lugar de ideal. Somente na entrada do Complexo de Édipo a libido alcança a fase genital do seu desenvolvimento, momento em que a vida sexual infantil entra em latência até a puberdade. O conteúdo que vem ser recalçado pelo complexo de Édipo diz respeito a amor edipiano e aparece na vida adulta pelos sintomas, chistes, sonhos e atos falhos.

O Complexo de Édipo inaugura uma nova maneira do sujeito se relacionar consigo e com os objetos da realidade. A partir da unificação da libido no corpo como unidade e da constituição do eu infantil, a libido alcança a fase genital e sofre recalque. O amor edípico permanece inconsciente, sob a via do ‘proibido’ e a energia sexual envolvida na relação de alienação com o objeto de amor é remanejada para outros aspectos da vida civilizatória. Em *Totem e Tabu* Freud (1913) faz referência ao momento mítico do início da civilização, a partir do parricídio do chefe da horda primeva. Esse mito é importante na medida em que instaura as diretrizes simbólicas do compartilhamento social: o pai morto como totem e o tabu do desejo incestuoso. De acordo com o mito, os irmãos da horda contestariam o pai por sua tirania sobre todas as mulheres e então decidiriam assassiná-lo. Após o

parricídio consumiriam seu corpo, em um banquete canibalesco; porém tomados pelo remorso e pelo sentimento de culpa, os irmãos da horda renunciariam ao prazer sexual com as mulheres e proibiriam o assassinato. Os novos laços que surgiriam a partir daí seriam laços fraternos e as leis simbólicas seriam os agentes da civilização.

Os mesmos sentimentos que aparecem no mito *Totem e Tabu* também são reconhecidos no mito edípico, os sentimentos que levaram ao parricídio do pai são vistos na passagem pelo Complexo de Édipo, isto é, o desejo incestuoso pela mãe e a rivalidade e hostilidade em relação a autoridade paterna. Os rituais e práticas religiosas subsequentes na história da humanidade são para Freud, uma repetição simbólica da veneração à figura do Pai, que só pôde ser instaurada após sua morte como homem (1913). O pilar da sociedade ocidental baseada em Cristo como Deus morto tem a função simbólica de assegurar a castração e a supremacia da ordem do Pai.

O declínio do Édipo inaugura a simbolização das leis e ordens sociais. As figuras parentais são substituídas por outras ao longo da vida e a educação se estende para além da família, a partir de novos grupos sociais, como a escola. A partir da puberdade; com o afrouxamento das relações familiares e a consolidação da barreira contra a sexualidade infantil incestuosa, o sujeito passa a buscar outros objetos de amor. Essa busca incessante repercute nas escolhas amorosas e nos enlaçamentos durante a vida adulta.

A prática clínica de Freud serviu como percussora para a fundamentação teórica acerca da investigação sobre o inconsciente. Além disso, a prática com as pacientes históricas proporcionou a Freud desenvolver a teoria acerca da sexualidade infantil como fonte dos sintomas neuróticos. Na neurose, a defesa psíquica diante do trauma da diferença sexual é o recalque, através da ação do recalque a criança inibe seus desejos incestuosos e passa a se dispor pela ordem fálica. Portanto, a escolha incestuosa é interdita pela ameaça de castração ordenada pela figura paterna, assim, o sujeito ao se separar da cena edípica, passa a compartilhar os ideais de uma cultura.

Na psicose, no entanto, a ordem da falta não é inscrita e a ameaça da castração retorna no eu sem qualquer possibilidade de simbolização. A ameaça da falta é sentida nos casos de psicose como devastação e a defesa que se estabelece é o delírio, numa tentativa de organização psíquica. O que ocorre na psicose é a “não inscrição” da linguagem como ordenadora simbólica e a entrada no compartilhamento social ocorre sem o apoio do recalque. Enquanto na neurose o sujeito atravessa o complexo de Édipo diante da ameaça de castração, na psicose essa operação é falha e o sujeito não registra a falta. Portanto, a

capacidade de subjetivação da castração escapa de forma irreversível e o aparato simbólico como defesa diante da perda não opera.

Em Freud, o estudo da psicose, particularmente do caso Schreber (1911) desencadeou o estudo acerca do eu. Até 1914, Freud não havia desenvolvido uma teoria acerca da formalização do eu, uma vez que as patologias da neurose apontavam para o funcionamento inconsciente. No estudo dos sintomas psicóticos, particularmente da megalomania e delírios paranoides, Freud pôde averiguar os distúrbios voltados para o eu e adicionar formulações na teoria da libido.

O estudo sobre o narcisismo impõe uma nova função no aparelho psíquico: o ideal. Conforme a teoria da libido, a fase do narcisismo favorece a constituição do eu como centro da libido e o seu deslocamento para os objetos da realidade se dá a partir do eu. É somente a partir da entrada da função paterna que é instaurada uma nova função de ideal. Assim os investimentos narcísicos parentais são fundamentais para a constituição de um eu sólido e unificado, que possa investir libidinalmente em si próprio como objeto de amor. Somente após a solidificação do eu narcísico é que este poderá se diferenciar dos ideais parentais e buscar no mundo externo novos objetos de amor.

Diante do encontro com o terceiro, agente paterno, a criança pode se separar da alienação amorosa materna e sair da posição de objeto. O eu infantil precisa renunciar ao seu amor edípico incestuoso e se voltar para o pai como ideal. A organização da libido concentrada no corpo narcísico e unificado permitirá a entrada da fase genital, que marca a diferença sexual entre meninos e meninas. Freud desenvolve a partir da segunda tópica o Édipo concentrado na diferença fálica, o pai como agente da castração sob a lógica dos castrados e não castrados. Já na psicose a identificação com o objeto de amor é total, o objeto é colado ao eu sem qualquer diferenciação, como nos casos de melancolia.

Freud (1917) fala de neuroses narcísicas em *Luto e Melancolia* apontando para a nova questão que se impõe a partir do narcisismo, a introjeção da libido no eu. Sobre isso ele diz que na perda, tal como ocorre durante o luto, uma parte da libido que estava investida no objeto retorna para o eu e permanece fixada na fantasia. A perda está sustentada na realidade em que um objeto de amor de fato foi perdido, e o sujeito busca lidar com essa realidade pela fantasia. Diferente dos casos de melancolia, em que o eu vive uma perda que não é acompanhada pelos dados da realidade. Os delírios de inferioridade apontam para um sofrimento de ordem moral, em que uma parte do próprio eu parece se voltar contra a outra, como um agente crítico que repudia de maneira mortífera.

Trata ainda de dois processos que podem ocorrer diante da ameaça de perda do objeto primordial: o luto e a melancolia. No princípio, ambos são parecidos, pois o sujeito perde o interesse por tudo que se encontra a sua volta. A diferença está na autorrecriação, na diminuição da autoestima, próprias à melancolia, na qual a perda do objeto resulta na identificação total com esse objeto. Ao invés da libido que estava investida no objeto ser deslocada para fora, ela retorna para o eu, mantendo uma identificação com o objeto abandonado. Sendo assim o que ocorre na melancolia é uma perda do eu, na medida em que este está identificado narcisicamente com o objeto perdido:

Se escutarmos com afinco as acusações que o paciente se faz, chega um momento em que não é possível evitar a impressão de que as mais violentas correspondem muito pouco a sua própria pessoa e, muitas vezes, com pequenas modificações, ajustam-se a outra pessoa a quem o paciente ama, amou ou deveria amar (FREUD, 1917, p. 245).

A partir do estudo sobre as neuroses e psicoses, Lacan (1955-56) vê no narcisismo o ponto de ruptura diante da realidade. Enquanto o neurótico responde através da estruturação de uma fantasia como substituta dessa realidade perdida, na psicose não existe tal formação do imaginário. Para o neurótico, a relação imaginária com o mundo permite a identificação com o Outro paterno e uma substituição pelas vias da fantasia, sob as ficções e os sintomas individuais e sua relação com a realidade.

Portanto, na psicopatologia freudiana é possível diferenciar as neuroses de ligação como uma forma de restauração da libido na fantasia, tal como ocorre na neurose obsessiva e na histeria. Já nos casos de psicose a libido está fixada no eu e denunciam uma dificuldade de ligação com o mundo externo, o que aparece através dos delírios.

Para Lacan, o eu corresponde ao plano do imaginário em relação às suas identificações e exigências, enquanto o recalque está no plano do simbólico, já que as leis e exigências do ideal tomam lugar no conjunto das regras sociais. Esta instância seria responsável por zelar pelo eu, a partir do ideal, e por barrar o que é inadmissível ao ideal e, trazendo como consequência uma maior estruturação do recalque.

Existem situações da vida 'normal' cotidiana em que é possível notar um retorno da libido para o eu, como nos sonhos e na doença orgânica. Freud (1917) nomeia esse momento como narcisismo secundário. Nesses casos a libido do objeto retorna ao eu, porém sua catexia permanece investida nas fantasias, até que possam novamente retornar o seu investimento ao objeto externo, como no caso do luto, em que o objeto perdido se conserva como objeto fantasmático.

Já nos casos de psicose, o objeto não se mantém pela fantasia e sim pela via de uma identificação maciça (FREUD, 1917). Na melancolia, por exemplo, não há objeto

fantasmático, uma vez que os impulsos orais canibalescos não permitiram a separação com o objeto. O processo de identificação do melancólico não enlaça um traço do objeto amado, aqui a identificação é total e a viscosidade da libido materna convida a uma bruta indiferenciação. Esse efeito dúbio vivido pelo melancólico e pelo outro materno engloba uma ‘melancolia a dois’ e mantém um dinamismo libidinal sob o aspecto do ‘tudo ou nada’ em que não há mediação pela função paterna.

No que diz respeito à passagem pelo Complexo de Édipo, nos casos de psicose, pode-se dizer que a função paterna não se faz operar como agente da castração, porque o recalque proveniente da função paterna não opera como ordenador simbólico. Portanto, o outro paterno como representação do objeto de segurança, admiração e proteção fracassa. Desse modo, o menino não toma o pai como o ideal e menina que não se enamora pelo pai, constitui uma relação indiferenciada com a mãe.

O Complexo de Édipo, no caso da melancolia, constitui uma decepção, uma vez que o pai não é metaforizado como ideal e não se faz representante da função paterna, interdito da relação incestuosa do bebê com a mãe. Os sintomas melancólicos se assemelham aos sintomas psicóticos, como megalomania e paranoia, e apontam para uma identificação narcisista em relação ao objeto de amor – mãe - e ao fracasso do ideal paterno como lei fálica. Em último caso, o eu na psicose mantém suas funções narcísicas correspondentes ao eu primário, equiparado ao eu ideal e diante de um mecanismo em que os processos primários prevalecem sobre os secundários. Diferentemente, nos casos de neurose, o eu é coordenado pela vigência do recalque sobre outras funções psíquicas e tem no laço social saída possível ao mal estar da sexualidade infantil e do desejo inconsciente. O que se vê na contemporaneidade são sintomas que não tem na sexualidade infantil a fonte do sofrimento neurótico, nos fazendo indagar sobre a definição clínica da estrutura e os embates no campo social.

CAPÍTULO 2

Um breve estudo acerca da Contemporaneidade

2.1 – O nascimento do sujeito e a cultura do narcisismo

A constituição psíquica na obra freudiana privilegia o funcionamento do eu como instância reguladora do sujeito, que se esforça para mediar as relações entre a instância arcaica, o isso, o mundo externo e o supereu. O eu portanto atua, quer viver e ser amado, e precisa ser flexível para realizar os desejos do isso e mediar as forças morais do supereu. A psicanálise elucida o eu como o lugar da maestria e do controle. O que escapa disso, todavia, alcança o campo do inconsciente e passa a servir a outras finalidades, não mais relativas às funções do eu.

O duplo dinamismo psíquico marca o sujeito freudiano como sujeito dividido entre duas demandas de satisfação conflitantes (o isso e o eu) que falam em línguas distintas, sem qualquer possibilidade de tradução entre elas. O sujeito freudiano não é correlacionado ao indivíduo (eu), uma vez que a dimensão do inconsciente está presente de maneira ativa a partir dos sintomas.

Foi Lacan, através da teoria acerca do significante, quem colocou o sujeito como um efeito da relação entre dois significantes, o Nome-do-Pai e o desejo da mãe. O sujeito só se conhece a partir dos efeitos do significante do Nome-do-Pai sobre o desejo da mãe. O sujeito não é o indivíduo porque é, em sua origem, inconsciente. O sintoma está para além do controle do eu e busca uma satisfação independente desse, isto é, se comporta como se fosse autônomo em relação ao comando do eu e ao mundo externo.

Sabemos que o sujeito da Psicanálise não é equivalente ao eu/indivíduo e que a instância egoica não corresponde ao sujeito, dado que a força pulsional está para além do princípio do prazer e não se submete ao recalque. A compreensão do funcionamento psíquico considera a profunda divisão entre forças opostas na constituição do sujeito, bem como a barreira que as divide, a censura.

A hipótese proposta nesse trabalho é de que nos dias atuais, vive-se numa civilização que acredita na hegemonia do eu sobre as pulsões, na medida em que enaltece o eu e o recoloca no seu antigo pedestal narcísico. Como consequência, colhe-se comportamentos desconexos ao laço social. A exemplo, o consumismo desenfreado, os excessos sem lei, a desordem pulsional, a impulsividade na realização dos desejos imediatos, a primazia das satisfações, etc. Tais comportamentos ganham anteparo em concordância à sociedade capitalista e individualista, onde o laço social é gradualmente substituído pela cultura do narcisismo.

Como vimos o narcisismo não é exatamente uma etapa da constituição psíquica. Originalmente o narcisismo é dos pais, que colocam seu bebê no lugar de um eu ideal (Sua Majestade O Bebê) nele depositando todo o seu amor e libido. Num segundo tempo, justamente quando o bebê tem a experiência de que não é tudo para os seus pais, ele identifica-se, a posteriori, portanto, com o objeto (eu ideal) deste amor de que um dia desfrutou. Essa “nova ação psíquica” organiza o caos pulsional original e engendra a representação de si, o eu. Esta instância, na teoria freudiana, é o lugar da ilusão, alienação, do não saber. São esses restos da indiferenciação ao objeto do desejo do Outro que marcam a constituição do eu como narcísica.

A experiência analítica fundada por Freud introduz uma noção de subjetividade em que o eu não recobre a totalidade da experiência subjetiva. Freud (1923) reafirmará que o eu não é o senhor da sua própria casa. Vimos que o eu não existe desde o início da vida psíquica, ele é desenvolvido a partir das primeiras experiências do bebê (isso) com o discurso do Outro sobre ele. Discurso que não é nada realista e que embaraça as relações do eu com a realidade pois o convoca a identificar-se de modo narcísico com sua imagem idealizada.

A criança desamparada e desparelhada de um equipamento instintivo necessitou, no início, de um outro de boa vontade que cuidasse dela e de sua sobrevivência. O estado de desamparo originário justifica a dependência absoluta do Outro e é responsável pela instauração de um tipo de satisfação libidinal que ultrapassa a simples estabilização das necessidades básicas. Esta satisfação é a fonte do amor de si que alimentará posteriormente o narcisismo.

O narcisismo surge graças a uma “nova ação psíquica” que é a identificação à imagem idealizada de si mesmo, construída com base no discurso do Outro. O eu nasce dividido entre o autoerotismo originário e a identificação a imagem totalizada do corpo. O resto do autoerotismo é a fonte e a causa do desejo. O que resta dessa operação se articula ao mais além da imagem idealizada de si, que é o ideal do eu. O eu se constitui paradoxalmente, identificado ao eu ideal mas, “só depois” que a posição de objeto idealizado do Outro foi perdida. Esta perda é assinalada por uma divisão interna, a identificação ao ideal do eu, que vai dar lugar à promessa do que um dia o sujeito poderá vir a ser. Por isso, antecipamos que o ideal do eu está vinculado ao resto do autoerotismo, na medida em que este resto é a causa do desejo que impulsionará o esforço de realizar, no tempo, o ideal do eu.

A teoria freudiana foi formulada no século XIX, quando este tipo de constituição subjetiva que acabamos de descrever, era estritamente vinculada à hegemonia do complexo edipiano. Descrevemos acima uma constituição subjetiva bem-sucedida. Freud a deduziu, entretanto, dos estudos sobre o fracasso da sujeição à função paterna e a má constituição do ideal do eu. Em lugar do ideal do eu como instância reguladora da passagem da infância à idade adulta, encontrou os impasses na constituição subjetiva manifestados nos sintomas histéricos. A neurose histérica caracterizava-se por um conflito não resolvido com o desejo (auto erótico ou incestuoso, posto que se origina na indiferenciação ao desejo do Outro) e a função interditora da instância paterna.

Os sintomas de conversão prolongam a satisfação do desejo incestuoso, em lugar de reduzi-lo a um resto que funcione como causa do vir a ser em direção ao Ideal do eu. A fantasia histérica sobre a cena incestuosa levou Freud a desenvolver a teoria do recalque, pautada na censura das pulsões sexuais em discordância com a moral civilizatória (FREUD, 1915). No mesmo sentido, as leis simbólicas da sociedade e da cultura simbolizam a autoridade fálica, de acordo com o temor da castração, assim: “É o temor de ser castrado que leva o menino a sair do complexo de Édipo. A menina entra no Édipo em consequência do sentimento de injúria narcísica por não ter sido contemplada pela mãe com a posse do pênis” (FREUD, 1924, p. 215-26). A partir do processo de identificação ao ideal do eu e a sublimação das pulsões sexuais, o sujeito se submete à força repressora do recalque e abandona a posição de objeto.

Uma leitura lacaniana sobre o complexo de castração aponta para um redimensionamento desse conceito, uma vez que o situa para além da presença ou ausência do falo. De acordo, a ameaça vivida envolve, principalmente, o corte do vínculo imaginário e narcísico entre a criança e a mãe. Ainda, o aparecimento do sujeito ocorre a partir dessa ameaça, uma vez que instaura uma perda e conseqüentemente faz surgir um desejo. Portanto, o sujeito dividido se articula ao desejo de um outro, o desejo da mãe, o desejo do pai, o falo. O enigma da sexualidade aparece como um trauma vinculado ao desejo incestuoso, correspondente ao gozo na posição de objeto do desejo materno.

No decorrer de seu ensino sobre as psicoses, ⁶Lacan (1954-55) elabora a construção do conceito de Nome-do-Pai, trazido para o campo do significante. Desde então, o significante do Nome-do-Pai passa a ser o eixo das articulações no que se refere a função paterna, enquanto ordenador do campo do desejo, do gozo e representante da lei. De

⁶ Seminário 3: as psicoses (Lacan, 1954-55)

acordo com as articulações lacanianas sobre a função paterna, recai ao pai a função simbólica, lugar do mestre e primazia da ordem fálica. Além disso, o Nome-do-Pai instaura o mito edípico na criança, localizando a angústia correspondente à posição de objeto fálico e permitindo a organização pulsional por intermédio da ameaça de castração. Para Freud (1914), no ideal narcísico prevalecem características tipicamente imaginárias, ficções e fantasias, bem como certo poder dos pensamentos, os quais configuram a vivência infantil. Às promessas depositadas no eu ideal a realidade parece não se opor: trata-se de momento crucial, em que a criança é completamente onipotente, detentora de todas as perfeições e todos os poderes. Quando o eu ideal perde seu lugar narcísico percebe sua posição de objeto ameaçada, e pela introjeção do ideal do eu mantém uma satisfação atrelada à possibilidade de retorno ao narcisismo perdido. O eu como instância no decorrer do desenvolvimento teórico freudiano se relaciona com o ideal do eu, representante psíquico da metáfora paterna e agenciador do recalque.

O poder do imaginário na vida do eu se explica mediante a fase narcísica, em que o reconhecimento da imagem de si como objeto do mundo externo introduz o eu na Linguagem. No estágio do espelho, Lacan elucida a apropriação do corpo próprio, a partir da imagem especular, imagem vinculada ao Outro da matriz simbólica. Desta forma, o reconhecimento de si e a identificação ao Outro instauram o surgimento do eu, instante em que o ser humano se reconhece na imagem de outro ser humano. Para além da imagem, também se penetra no campo simbólico da linguagem, que marca permanentemente a vida subjetiva de acordo com o laço com o Outro.

De acordo com Christopher Lasch (1983), diferentemente da época freudiana em que o conflito edípico resultava na censura à sexualidade infantil, o discurso social nos dias de hoje é muito mais liberal em relação aos desejos sexuais. Os enlaçamentos amorosos não se restringem mais à relação conjugal e à organização familiar. As inúmeras formas de expressão sexual extrapolam a vida privada e alcançam a vida pública, dando mostras de um novo posicionamento subjetivo diante da censura e uma decadência da força civilizatória simbolizada pelo recalque. As “tribos” ou os grupos monossintomáticos são uma nova forma de organização social, baseada nas parcerias entre indivíduos que compartilham as mesmas preferências.

Ainda, à margem do império do Nome-do-Pai, elegem outros significantes e outros objetos de gozo. As relações interpessoais ganham um novo funcionamento e se tornam ainda mais dinâmicas, os contatos ocorrem em rede e o acesso direto à informação elimina a importância da transmissão dos conhecimentos por pais, professores e eruditos. Nos

grupos de pares, pode-se fazer acordos, estabelecer novas normas de comportamento à margem da organização tradicional da civilização. O eu mínimo, reduzido a cada sujeito e seus grupos fechados, parece sobressair diante do antigo eu, gerenciador do sujeito e representante da ordem simbólica, se tornando cada vez mais individual e menos social. A hipótese presente em Lasch, é de um eu mais individual do que social, portanto gerenciado por impulsos, desejos e exigências que privilegiam a realização das satisfações pessoais.

Também neste sentido, Coelho dos Santos (2001), demonstra que o avanço da ciência e a difusão da psicanálise contribuíram para aprofundar o declínio do Nome-do-Pai, e da função paterna de agente da castração. Surgem novos sintomas, na fronteira entre a estrutura da neurose e da psicose. O discurso individualista, na medida em que enfraquece o valor simbólico da identificação ao Nome-do-Pai também dificulta o diagnóstico diferencial. Os novos sintomas são neuróticos ou psicóticos? São sintomas borderline ou simplesmente trata-se de novas subjetividades?

A moral sexual civilizada contemporânea tende a relegar o lugar do pai ao de exceção, quando propaga a ideologia dos direitos humanos universais. Se todo homem nasce livre e igual, não existe mais dívida simbólica para com o pai? A tradição, os hábitos e as normas organizadoras das identificações paternas, ao longo dos dois últimos séculos foram reduzindo-se à esfera familiar e tornando-se cada vez mais invisíveis no cenário social, assim: “O Nome-do-pai é a máscara que vela a verdade do desejo incestuoso. Há mal-estar na cultura porque o desejo é incestuoso, proibido. São os efeitos da renúncia ao gozo, em consequência da identificação com a lei do desejo do pai.” (COELHO DOS SANTOS, 2001, p. 311).

Cristopher Lasch (1987) afirma que na contemporaneidade o eu seria um eu mínimo e não mais civilizatório. Enfraquecido, não serve mais como instância regulatória e mediadora entre as exigências do isso e os constrangimentos da civilização e da realidade externa. A cultura individualista promove a ilusão de um eu onipotente, no centro do seu imaginário narcísico. A cultura atual é uma cultura do narcisismo. O narcisismo exaltado não é, entretanto, o sinal de um eu mais potente e mais preparado para enfrentar as adversidades da vida. Sim uma instancia egoica imaginariamente engrandecida, servindo como defesa contra o desamparo diante das exigências da vida e da ausência do Outro absoluto. A cultura do narcisismo nasce juntamente com uma percepção de finitude, nas palavras do autor, “sentido de um fim” provocado ao final das duas primeiras grandes guerras (LASCH, 1987).

Esse sentimento que acompanhou todo o século XX teria evocado na imaginação popular a sensação de uma catástrofe iminente prestes a acontecer. Essa sensação do encontro iminente com a morte, marcado pela vivência de um possível ‘juízo final’ a qualquer momento teria modificado a sociedade. As novidades nesse campo teriam trazido com elas uma expansão da consciência de si, da saúde e do crescimento pessoal, como defesa contra o aumento do sentimento de solidão de cada um. A cultura do narcisismo é a consequência do sentimento de ameaça constante. Este sentimento torna urgente viver o presente a todo custo: “Viver para o momento é a paixão predominante – viver para si, não para os que virão a seguir, ou para a posterioridade”. (LASCH, 1987, p. 25).

O tempo cronológico fica reduzido ao tempo presente, pois viver o hoje, para o hoje, se torna um imperativo contemporâneo. As antigas referências ao passado como fonte de conhecimento, sabedoria e possíveis respostas são constantemente ultrapassadas em nome do imediatismo. Perde-se a noção de que o tempo presente é norteador do futuro e o passado esquecido, tal como a família e a tradição já não servem mais de balizas para avaliar a dimensão do presente. Segundo Dany-Robert Dufour (2009, p. 52):

Como efeito o complexo de Édipo nada mais é que a articulação na mesma estrutura da diferença sexual e da diferença entre as gerações. Freud foi o primeiro, não a ver, mas a enunciar em termos teóricos esse princípio no fundamento das sociedades humanas e da kultur.

Coelho dos Santos (2001), propõe que o sujeito contemporâneo está mais exposto à deriva da pulsão devido ao declínio do Nome-do-Pai como representante simbólico da autoridade e interditor do excesso pulsional. Também Lasch (1983) aponta para uma invasão do eu mínimo na sociedade do início do século XX, revelando que o culto ao individualismo e o consumo de mercadorias são uma nova forma de gozo, acompanhada de um progressivo empobrecimento do vínculo com o outro e soberania do eu.

A cultura do narcisismo assim corresponde a uma sociedade em que a troca simbólica envolvida nos laços afetivos e no compartilhamento social é abalada pelo crescimento do eu. Tal mudança no cenário atual tem como consequência o crescimento do imaginário, da imagem do eu e das relações egoicas narcísicas. O atual reinado do eu envolve na cultura do narcisismo a satisfação imediata, visando a realização individual que tem no discurso contemporâneo margem para existir.

Para Freud, o conflito pulsional presente no Complexo de Édipo é resolvido na passagem pelo Complexo de Castração e pela formação do supereu como agente moral. Só é possível renunciar a posição de objeto a partir da falta fálica, instauradora do desejo

vinculado ao ideal paterno⁷. Declara Lacan⁸ (1960, p. 827) “A castração quer dizer que é preciso que o gozo seja recusado, para que possa ser atingido na escala invertida da Lei do desejo.”

Em concordância com a hipótese do declínio da metáfora paterna, Lasch (1983) afirma que a evolução social acarretaria uma divisão do poder em repartições públicas por meio da burocracia e que, levaria à decadência da autoridade do pai⁹. Mais ainda, o cenário intelectual e social que se instalou a partir das revoluções burguesas, marcou a modernidade como o ápice do homem como detentor da razão e do saber. Esse movimento de humanização e racionalização proveniente da modernidade acarretou o estopim de um movimento social e político de emancipação do homem em relação à ordem vigente, portanto do Rei e de Deus como centros do saber.

Somando-se a isso Hannah Arendt (1954), em *Entre o passado e o futuro* anuncia que a sociedade moderna trouxe consigo um terror à autoridade. O estopim da mudança são os movimentos estudantis de maio de 68, que acarretam uma profunda crise política no campo coletivo e acaba eventualmente alcançando a esfera familiar. A autora concorda que as formas modernas de tradição seriam marcadas por uma ‘propriedade protética’ uma vez que seriam facilmente modeláveis e mutáveis, sem fixidez, flexíveis e pouco sólidas, de acordo com as incessantes necessidades que surgem ininterruptamente. Ela explica (1954, p. 131):

A autoridade, assentando-se sobre um alicerce no passado como sua inabalada pedra angular, deu ao mundo a permanência e a durabilidade de que os seres humanos necessitam precisamente por serem mortais (...). Sua perda é equivalente à perda do fundamento do mundo que, com efeito, começou desde então a mudar, a se modificar e transformar com rapidez sempre crescente de uma forma para outra, como se estivéssemos vivendo e lutando com um universo protético, onde todas as coisas, a qualquer momento, podem se tornar praticamente qualquer outra coisa.

No que diz respeito à contemporaneidade concorda-se com as hipóteses levantadas sobre uma forte tendência de rejeição à autoridade e à tradição, vistas como opressoras e antiquadas, portanto, perdendo seu estatuto no campo do conhecimento. Retornando à Freud (1923), as antigas potências egoicas correspondiam às subjetividades gerenciadas pela lei simbólica em seu caráter social, a partir da renúncia ao gozo, a submissão à norma fálica e ao laço com Outro da linguagem. Nesta direção Lasch (1987) afirma que o eu

⁷ Como já abordado, o ideal impõe uma promessa de retorno à satisfação narcísica pela aproximação do eu real em direção ao ideal. Eis o amor próprio, pois, o sujeito ama a si mesmo na medida em que seu eu corresponde ao ideal.

⁸ *Subversion du sujet et dialectique du désir* (1960, *Écrits*, p. 827).

⁹ Max Weber define burocracia como uma organização baseada em regras e procedimentos regulares, onde cada indivíduo possui sua especialidade, responsabilidade e divisão de tarefas.

soberano da época freudiana está sendo gradualmente substituído por um eu mínimo, cambaleante nas suas funções de auto regulação e gerenciamento da vida subjetiva, de acordo com o princípio de realidade.

Os movimentos sociais e políticos continuaram a se alastrar após as revoluções do século XIX, em direção a uma dupla emancipação dos homens: a primeira, em relação à nobreza e ao poder conferido ao rei; a segunda, da autoridade sagrada da Igreja, representada pela queda do monarca como “representante de Deus na terra”. De acordo com Roudinesco (2003), o falecimento das antigas tradições acarretou um movimento de emancipação das mulheres e das crianças da ‘opressão’ patriarcal no século XX, contribuindo para a afirmação dos direitos das mulheres e a possibilidade das crianças serem vistas como sujeitos. No que se refere à estrutura familiar patriarcal o papel hierárquico do pai foi continuamente modificado, reduzindo seu antigo valor de chefe da ordem familiar.

Coelho dos Santos (2001) afirma que, na década de 50 as posições sexuais assumidas dentro dos casamentos e das famílias eram correlatas aos ensinamentos bíblicos, onde a divisão de papéis estava bem anunciada, segundo a diferença sexual. Os homens possuíam uma função nuclear e social que se diferenciava ao papel da mulher, restrito às funções educacionais e reprodutoras dentro da família. A partir da década de 60 as reivindicações feministas assumiram o cenário social com demandas igualitárias entre homens e mulheres, com uma bandeira de luta por igualdade no mercado de trabalho, sob uma ideologia de liberdade em relação à antiga posição passiva da mulher, gerando uma importante mudança na função social e familiar do homem.

Também Lasch (1983) diz que o narcisismo representaria a dimensão psicológica da dependência em relação ao outro em que é o outro quem garante o lugar onipotente do eu. O autor propõe que estaríamos inseridos em um momento de “narcisismo coletivo”, onde a dimensão um-a-um impera para todos, reduzindo o eu social ao passado. A noção de narcisismo descrita por Lasch corresponde ao que Freud denominou em 1914, no seu aspecto mais primário, de funcionamento do eu. Assim, Coelho dos Santos (2001, p. 315) afirma:

As novas formas de sofrimento psíquico são menos um mal-estar na civilização recalcante do que soluções individuais, únicas, inventadas para suprir a falta de objeto própria da pulsão. Diante da inexistência de completude, isto é, da inexistência de proporção entre o que se busca e o que se encontra, não temos mais na tradição ou nos hábitos o alívio da ilusão.

O eu freudiano é equivalente ao eu social. Organizador do laço social, gerenciador do funcionamento do sujeito e representante psíquico da realidade, oriundos do recalque e

orientado pelo ideal do eu e pela função paterna. O sofrimento no campo do eu, para a psicanálise freudiana, está justamente na causa moral da realização do desejo e suas implicações para o laço social, portanto o desejo inconsciente é sempre um desejo proibido na neurose. Nesse sentido, pode-se questionar se o eu contemporâneo, equivalente ao mundo individualista e imediatista ainda se mantém atrelado às antigas morais civilizatórias do século passado.

2.2- Os novos imperativos narcísicos e a decadência do saber científico

A modernidade foi marcada pelo advento do saber científico como forma de conhecer o mundo e explicar a origem do universo. A psicanálise se estrutura então, de acordo com o sujeito da razão, sob o qual Freud validou a teoria psicanalítica. A posição freudiana de pesquisador teve como objetivo legitimar a teoria psicanalítica como universal e como verdade, de acordo com um método científico que tem a investigação sobre o inconsciente como objeto de estudo.

Coelho dos Santos, Santiago e Martello (2014) em *Os corpos falantes e a Normatividade do Supersocial* defendem que vivemos uma época em que as grandes narrativas que constituíram o sujeito moderno estão em decadência, tal como o saber científico vigente. A verdade científica entra em falência na medida em que o mundo e seu funcionamento, não se pautam mais pelos mecanismos científicos de investigação e certificação. Desta forma, o mundo contemporâneo não busca na verdade científica a verdade do mundo, destituindo o valor da razão em detrimento das ficções de cada um.

Em contraponto, na medida em que a ciência perde seu lugar como centro da verdade sobre as coisas e o mundo, se observa o desenvolvimento do imaginário sob os pensamentos do sujeito contemporâneo. As alusões do meio social a respeito da felicidade, individualidade e liberdade contribuem, de igual forma, diretamente para o cultivo de uma fantasia de igualdade.

Portanto, de modo imaginário é possível ser livre e igual, destituído de etnia, gênero, classe social e geração, resíduos estes que aparecem na realidade por meio da reivindicação do direito de ser tratado como exceção. Como efeito, se nota ainda, uma relevante dificuldade dos jovens, na atualidade, em iniciar a passagem para o mundo adulto, dada a existência de impasses vários: na escolha vocacional, na rotina laboral e na manutenção da vida financeira, sem qualquer orientação pela realidade.

Em consonância às grandes narrativas – tradição, instituição familiar e educacional – organizadores do mundo moderno sob seus conhecimentos, também perdem valor. Essa antiga forma de existir permitia a cada um conhecer seu lugar no mundo e ocupar uma

função ordenadora da realidade, mediante o saber transmitido pela família e sociedade. Na medida que os lugares se tornaram mais permeáveis e solúveis pelo crescimento do discurso individualista, também o sujeito se viu mais desorientado acerca do seu papel na coletividade. A essa inexatidão, soma-se ainda o discurso liberal tomado na autonomia do gozo sem freio, perpetuando uma posição subjetiva que desconsidera a supremacia da lei social, das grandes narrativas, do antigo saber do mestre, da visão vertical dos lugares sociais e da realidade.

A idade moderna e seu saber cientificista, por meio da evolução de maquinários que deram origem à revolução industrial e, por consequência, ao crescimento do trabalho, facilitaram o desenvolvimento dos polos urbanos. Esse processo revolucionário veio acompanhado pela ideologia do capital e sua crença mercantil baseada na compra e venda de mercadorias para a obtenção de lucros. Em resposta, a sociedade passou a trabalhar para acumular e no longo prazo, a cultura absorveu a tendência extensiva ao acúmulo de bens de valor, retificando a disparidade social através da diferença de capital entre as pessoas. Logo, o trabalho se tornou a única forma de evolução social e financeira possíveis no capitalismo, o que, decerto, incentivou a organização social baseada na meritocracia e no esforço individual.

As diferenças culturais entre a monarquia e a modernidade são claras, enquanto na monarquia o nascimento e a história familiar garantiam uma posição pré-determinada na sociedade, na modernidade, o trabalho permite maior flexibilidade social. Então, o pensamento moderno incentiva o esforço individual e o desejo como formas de poder, os quais motivam o sujeito no trabalho para o progresso monetário, o que permite uma nova forma de existir na realidade. A antiga moral do trabalho transforma a vida do sujeito moderno, o qual se vê desfrutando das suas conquistas através do seu desempenho, moral pessoal e esforço próprio.

A narrativa moderna dá ao homem um lugar de importância em relação aos saberes de si e do mundo. A razão é erguida a posição de acesso à verdade, proporcionando uma mudança na normatização social e subjetiva. O homem moderno é organizado pelo discurso racional e lógico e se constitui no laço social de acordo com a instituição do estado moderno e da constituição. O direcionamento do subjetivo é respaldado pela jurisdição e pelo código civil, promovendo normas e leis à dinâmica cultural.

A pós-modernidade destitui o homem da qualidade da moral civilizatória, até então baseada no abandono dos desejos individuais em detrimento do laço social. As diferenças de cada um, limites e barreiras do campo social são alteradas numa sociedade

individualista. Também a noção de igualdade muda, sob uma tendência particular a perceber o mundo de maneira linear e vertical. A atualidade instaura uma forma singular de laço, a partir do traço um a um, registro imaginário que escapa ao simbólico e faz crer nas fantasias sem mediação com a realidade. Nesse viés, o registro do eu também é modificado, e passa a corresponder a um comportamento próprio do eu ideal, detentor das perfeições narcísicas e marcado por um pensamento mágico (FREUD, 1914).

Até a modernidade, o mundo era passível de cálculos que proporcionavam certa exatidão: os acontecimentos eram planejados, previstos e revistos através da ciência. Essa vivência garantia maior certeza quanto ao futuro e gerava uma convivência social mais confiável e segura. Também o cristianismo trazia segurança e certeza ao ensinar sobre a natureza e as coisas, herdeiro de um arcabouço de conhecimento religioso e místico. São essas grandes narrativas que demarcavam o saber da sociedade nos últimos séculos e que garantia uma organização sob funcionamento simbólico, civilizatório, assegurando a supremacia do laço social (COELHO DOS SANTOS, SANTIAGO & MARTELLO, 2014).

Freud (1913), em *Totem e Tabu*, inscreve o mito do parricídio e o sentimento de culpa, como originadores da sociedade que conhecemos. No mito, o pai tirânico da horda primeva, era o único detentor de todo o poder e das mulheres, gerava inveja nos filhos, o que levou ao seu assassinato. A partir do parricídio, surge o sentimento de culpa, transformando o pai em um símbolo – totem –, ainda mais poderoso após a morte. Além disso, se instaurou o tabu do incesto: a proibição aos filhos de terem acesso às mulheres, mães e irmãs e a organização de uma sociedade através dessas novas leis. Também, a norma que rege a sociedade cristã se firma nas mesmas leis: contra o assassinato do pai e contra o incesto. Sobre esta temática, Coelho dos Santos (2001, p. 134), exprime:

O sujeito do inconsciente forja-se nessa perda do paraíso originário que tomará corpo no mito do Édipo. O complexo nuclear das neuroses é o complexo de Édipo, e é por meio deste mito que o sujeito nasce incestuoso e parricida. O complexo de castração é outro mito, que para Freud, subordina-se ao mito edípico, pois explica as razões da sujeição do sujeito à lei do pai. O direito à mãe se impõe pela ameaça imaginária feita ao menino de ser privado do pênis e transformado em mulher.

Segundo Freud (1913), o símbolo do pai morto assegura a lei e o desejo aparece como um resto da equação entre a saída da posição narcísica e a entrada no compartilhamento simbólico. Uma vez renunciada à posição de objeto, o desejo surge vinculado ao recalque e direciona o sujeito para o laço social, afastando-o do amor incestuoso e permitindo novas formas de satisfação. As fortes tendências parricidas e incestuosas são simbolizadas

pela ação do complexo de Édipo, inaugurando o sujeito da ciência, que tem na razão e na linguagem os resíduos do desejo recalçado (COELHO DOS SANTOS, SANTIAGO & MARTELLO, 2014).

O supereu surge como herdeiro do Édipo através da nova função psíquica, representante simbólico da realidade que concentra enorme força na garantia do cumprimento do ideal e da lei patriarcal. As respostas inconscientes ao recalque são censuradas e inibidas pela atuação do supereu, o qual imprime psiquicamente as leis da cultura e da civilização. Além disso, a vigilância dessa instância externa que parece “olhar de fora” e regular o comportamento do eu, tal como se a função parental atuasse dentro do próprio sujeito, que revive a castração e gera um forte sentimento de culpa. Ao longo da segunda tópica, Freud (1923) aponta para a satisfação na dor, inerente ao sentimento de culpa, traço no eu das forças do isso e da pulsão de morte.

Aqui se compreende a profunda divisão do sujeito freudiano, entre as exigências pulsionais do isso e as demandas morais do supereu. Mais ainda, o mito do pai totêmico esclarece a dinâmica entre o tabu dos desejos inconscientes e a força do pai primevo como totem, lei única e predominante, a qual garante a ordenação da civilização. Na modernidade, a organização cultural por meio da ciência e da moral do trabalhador, garantiu o cumprimento da lei simbólica e da autoridade patriarcal, entretanto, na atualidade, a supremacia da ideologia individual se opõe a supremacia do coletivo, gerando um novo impasse a ser discutido.

Jacques-Alain Miller (1996-97), no artigo *O Outro que não existe e seus comitês de ética*, aponta para uma nova característica contemporânea, que deposita a verdade no campo dos discursos individuais e, não mais na Ciência. Para o psicanalista, a decadência do saber científico se explica pelos grupos de pares e pequenos comitês de ética, os quais resolvem entre si sobre o que é a verdade, sendo esta, discutida e relativizada, perdendo seu estatuto inexorável e incontestável. O lugar da Ciência é substituído pelos pareceres entre pares e comitês, nos quais se decide de acordo com as fantasias, ficções próprias e diálogos sobre uma verdade que parece mudar constantemente.

Os meios de comunicação, de modo similar, ganham destaque na sociedade da informação, onde a verdade se desloca de acordo com o interlocutor. O acesso rápido e fácil à intensa quantidade de informações veiculadas pela internet possibilita um volume de conhecimento nunca visto antes. Como consequência do acesso direto às manchetes, através de celulares e tablets, cria-se uma nova forma de leitura sobre o mundo, individualizando o conhecimento e destituindo o laço social como saber.

Coelho dos Santos e Guedes Lopes (1996-97), em *Psicanálise, Ciência e Discurso*, concordam com a lógica lacaniana e aproximam o sujeito da ciência ao sujeito da psicanálise, uma vez que, ambos são necessariamente incompletos. A ciência tem como objetivo alcançar todo conhecimento como verdade, através da razão e de métodos calculáveis e objetivos, que comprovem a sua prática. De modo semelhante, a Psicanálise busca um conhecimento para além do que já se sabe, tendo sua motivação centralizada na falta e sua prática, na comprovação da veracidade do inconsciente. Entretanto, para a Psicanálise a verdade do sujeito é intransponível e inalcançável na sua totalidade, dando à razão um lugar de oposição ao inconsciente e usando a Ciência como meio de existir na realidade.

2.3 – O eu contemporâneo é um eu ideal?

Parte-se do pressuposto de que na atualidade é vivida intensa mudança no cenário social e de modo ímpar, na mentalidade do sujeito contemporâneo. As novas diretrizes, pautadas no capitalismo e acúmulo de bens apontam para um funcionamento psíquico assinalado pela primazia do imaginário, que toma o lugar de verdade sob a ciência. Em decorrência disso, observa-se também o crescimento de imperativos narcísicos, disseminados na cultura e aceitos como forma de viver e pensar. Logo, o ‘é proibido proibir’ perpetua a tendência inconsciente ao gozo sem barreiras, incentiva a satisfação imediata e inibe a ação do recalque.

O discurso predominante, baseado nos imperativos narcísicos, tem como resultado, o afrouxamento da autoridade enquanto lei suprema. Assim, tudo o que equivale à hierarquia, à norma e à lei através do ‘proibido proibir’, passa para o segundo plano e se tem o predomínio de toda forma de satisfação como meio de gozar. Logo, a satisfação vinculada ao ideal do eu e ao recalque é substituída pela satisfação do eu ideal, narcísico e infantil.

Dos textos de Freud, compreendemos o estudo sobre o narcisismo, que o eu ideal vive na posição onipotente, erguido sob o pedestal intocado do narcisismo parental. Que as funções referidas ao eu ideal dizem respeito puramente à fase do desenvolvimento do narcisismo infantil, predominante no pensamento mágico, em que as fantasias equivalem à realidade. Estaríamos, nesse sentido, reconhecendo na individualidade contemporânea comportamentos tipicamente narcísicos? Tal pergunta nos direciona para o complexo de Édipo como possibilidade de resposta, na medida em que introduz o ideal paterno, representante interno das leis simbólicas e da coletividade.

Em concordância, Coelho dos Santos (2016)¹⁰ aponta para os movimentos desconstrucionistas de maio de 1968, como movimentos que modificaram o circuito social de forma profunda. Segundo ela, o gosto anárquico pela rebeldia, a ideologia frouxa, a causa difusa e os efeitos de contágio acelerados pelos meios de comunicação ajudam a pensar nas mudanças da mentalidade e do comportamento atual diante da hierarquia.

O recalque é atingido e enfraquecido pelas fortes tendências ao autoerotismo e os desejos aparecem a céu aberto, se libertam da censura e se impõem em uma sociedade em que a moral é mais fluída. Também, as pulsões sexuais se manifestam com maior facilidade, uma vez que a cultura acolhe sua expressão através de uma maior liberalização e pela qual ocorre o enaltecimento do eu – eu quero, eu posso. O antigo mal-estar neurótico, presente na divisão do sujeito, é substituído pelo mal-estar narcísico, incapaz de renunciar aos seus desejos imediatos.

Coelho dos Santos (2014)¹¹ propõe ainda, que a lógica do século XXI equivale à lógica homogeneizante (todos iguais), o que incita o rebaixamento da lei simbólica à norma contratual. O imperativo igualitário produz como efeito indivíduos que reivindicam o ‘direito de serem tratados como exceção’, posição narcísica, na qual o eu individual é detentor de toda onipotência, dono de um lugar especial dentro da amarração simbólica e, em que seus desejos são atendidos como uma demanda de amor. Essa nova forma de existir na realidade, desconsidera a ordem simbólica, geracional e coletiva, além de apontar para uma fixação pulsional da posição de objeto, em que o outro deve atender as exigências narcísicas do eu.

As queixas no campo do eu atual marcam uma posição subjetiva ratificada por uma defesa narcísica fechada em si mesmo. Desse modo, Freud (1923) sabe que o eu não resume a verdade acerca do sujeito e que existe algo para além da consciência, o isso, que não está ao alcance do eu. Em contrapartida, o incentivo desenfreado ao individualismo na contemporaneidade, transmite a falsa verdade do eu, coloca a autodeterminação e a independência como fontes de acesso ao conhecimento sobre si e, desconsidera um ponto impossível de se alcançar e ter acesso, o qual pertence ao funcionamento inconsciente no isso. Coelho dos Santos (2001, p. 108) comenta:

Bem ao contrário, toda análise deve conduzir o analisando a reconhecer sua divisão sexual entre a condição de sujeito inconsciente que é interpretável e a outra vertente mais obscura cuja determinação lhe escapa, apontando sua

¹⁰ Ágora (Rio de Janeiro) v. XIX n. 3 set/dez 2016.

¹¹ *Os corpos falantes e a normatividade do Supersocial*

condição primordial de objeto do desejo de um outro, portanto, ou seja, para sempre, inconsciente de si.

O fracasso presente no estímulo ao autoconhecimento está justamente na tentativa de encontrar a ‘si mesmo’, alcançar uma verdade individual e ser autônomo na sua autodeterminação, desconsiderando a pulsão na constituição de si. Como resultante da forte tendência contemporânea em “fechar-se em si mesmo”, aparecem os sentimentos depreciativos de medo e vergonha, que através do discurso individualista são desconsiderados e desvalorizados.

Somos marcados pela linguagem, investimento pulsional e desejo do outro, sob o qual não temos acesso ou controle. O empreendimento individualista, do ‘si mesmo’, não engloba o comportamento subjetivo, ao desconsiderar o encontro com o impossível de acessar. Ainda, a atualidade acredita no sucesso subjetivo a partir do individualismo, da verdade do eu e do conhecimento de si como chave, sem qualquer consideração pela esfera inconsciente, supervalorizando a ideologia do eu.

A cultura do narcisismo descrita por Lasch (1983) diz respeito à busca pela perfeição. O perfeccionismo, próprio do narcisismo, foi impulsionado pelo individualismo. Exemplo disso é do lugar da mulher da revista Nova: ser bela, parceira sexual, ser mãe, dona de casa, boa profissional, entre outros aspectos. (COELHO DOS SANTOS, 2001). Essa relação inadequada com a realidade fracassa no ponto em que se depara com a verdade, abalando o narcisismo e provocando um árduo sofrimento.

A partir do avanço do individualismo há um crescimento da ideologia do “si mesmo” como ser o melhor de si, ser perfeito, transformando o eu numa mercadoria. Assim, é preciso que o eu alcance todos os ideários propostos pela sociedade de consumo, sob o viés individualista, a partir de uma supervalorização da imagem: a beleza, a estética, o vestuário, os meios de transporte e de comunicação criam uma forma de laço social apoiado no imaginário. Esse funcionamento equivale à imago do eu, quando este encontra no olhar do outro a satisfação narcísica e o amor de si, atravessando o narcisismo.

Segundo Coelho dos Santos (2001), o que se recolhe dessas posições narcísicas se concentra sob um intenso sentimento autodepreciativo e de autodesvalorização, rebaixados pelo ideário de perfeição. A busca pelo objeto ‘ideal’, emprego ‘ideal’, homem ‘ideal’ tem como resposta uma insatisfação, insegurança e uma intensa paralisação no sujeito contemporâneo. A máscara narcísica, ancorada no ideário individualista, conseqüentemente diminui a autenticidade de cada um e, dessa maneira, a relação com o outro perde seu lugar de termômetro para medir o comportamento no campo do eu.

A partir do advento da ideologia individualista, ser o ideal é ser si mesmo, equiparando o eu real ao eu ideal, tal como ocorre na vida infantil. (FREUD, 1914) O campo do desejo é desarticulado ao desejo edípico e passa a se articular ao desejo narcísico, em que o sujeito deseja ser o eu ideal. Portanto, é o desejo articulado ao narcisismo no desejar ser si mesmo em sua completa plenitude. A ferida narcísica aparece, então, através dos sentimentos de depreciação e solidão, quando o eu fracassa na sua armadura imaginária e totalizante.

Acerca do narcisismo compreendeu-se que, no que se refere ao campo da satisfação pulsional, o ser humano é incapaz de renunciar a uma satisfação vivida anteriormente. A satisfação narcísica é sempre autoerótica e satisfatória em si mesma, desconsiderando a censura do recalque e marcando um desejo originário na posição de objeto. Já o desejo, marcado pelo Complexo de Édipo, anuncia um desejo inacessível, marcado pelo recalque e pela metáfora paterna, que aparece através da interpretação.

O eu agenciado pelo recalque e pela castração é orientado em direção ao simbólico, à linguagem e ao laço social, inaugurando uma nova forma de estar no mundo. A saída da identificação à posição de objeto implica uma perda, que é restituída pelo ideal. Na tentativa do eu em retornar a satisfação perdida, ele se direciona para o ideal e busca diminuir a distância entre seu eu real e o ideal. Tal operação consiste numa perda inicial e num possível ganho futuro, através do ideal. Assim, a promessa do eu, a de ‘vir a ser’ seu próprio ideal, guarda em si o desejo de retorno à posição narcísica.

A pós-modernidade¹² é marcada pelo império das imagens, das ideologias, sob uma lógica capitalista e mercantilista, bem como por um ideário individualista, que privilegia um comportamento tipicamente narcísico. Também, as tendências próprias do sujeito, vinculadas ao autoerotismo e ao narcisismo, são acentuadas e estimuladas, na contemporaneidade, como forma de viver. O que antes estava a serviço do recalque, como inibidor dessas tendências inconscientes, agora se vê sem barreira, pois o próprio recalque é afetado pelo declínio da moral social em detrimento da norma individualista.

Pode-se concordar que o eu contemporâneo se afasta do eu freudiano, constituinte do ideal do eu. Freud desenvolve sua teoria acerca da constituição egoica a partir da idealização da função paterna, identificação ao ideal e sublimação das pulsões como destino pulsional para além do recalque. Também, a instância do eu, desenvolvida na metapsicologia freudiana corresponde ao eu marcado pela civilização, tendo

¹² Compreendemos que as características atuais são marcadas pelo declínio das diretrizes da Modernidade: a lógica, a razão e o pensamento científico, justificando o uso do termo Pós-Modernidade.

responsabilidade com a sua posição no mundo e comprometido com o laço social. Já o eu Pós-moderno parece não responder mais ao mesmo mestre equivalente ao recalque, fixado na alienação do desejo materno e distanciado do desejo que norteia o desenvolvimento do eu atrelado a moral civilizatória.

O ponto primordial, trazido por Freud no artigo de 1914, é a dupla função do ideal. O eu infantil equiparado ao ideal se desenvolve a partir do amor de si como um outro objeto do mundo externo. Nesse momento, toda a libido está concentrada no eu e está a serviço da sua formação. Em decorrência da organização pulsional no eu e sua diferenciação em relação ao outro materno, um novo ideal é imposto, de fora, através da função paterna. A idealização do pai leva a um novo investimento libidinal nos objetos do mundo externo. O remanescente da libido do eu na neurose é deslocado para a fantasia e aparece submetido ao laço social.

O eu freudiano busca se equiparar ao ideal, admirado, detentor da autoridade e do amor da mãe. De acordo com esse deslocamento, o eu infantil se volta para o laço social e precisa se adequar a uma série de exigências articuladas à normatividade social. Ainda, é com a entrada do ideal paterno que há a interrupção da fase do narcisismo, deixando uma ferida. O eu infantil, frustrado e ferido, busca no laço social novas formas de satisfação, através da submissão ao pai, representante simbólico da moral e da linguagem:

O pai, enquanto suporte a ameaça de castração, é uma metáfora. O desejo do pai introduz uma metáfora do desejo do sujeito. Porque a mulher (a mãe da criança) é o objeto do desejo do pai, então, o desejo do pai faz a lei: o sujeito deve desejar outra coisa que não a sua mãe. O pai é um mito, mas é também alguma coisa real. O Nome-do-Pai é um operador simbólico porque introduz o filho pelo desfiladeiro dos outros objetos que não a mãe, as metáforas ou as representações inconscientes do objeto incestuoso (COELHO DOS SANTOS, 2001, p. 135).

Desse modo, numa posição correspondente ao eu ideal, o eu atual reivindica os seus desejos narcísicos, os quais devem ser atendidos, isto é, cujas demandas sanadas pelo outro. A posição alienante ao desejo incestuoso está equiparada ao eu narcísico e em oposição ao eu como instância reguladora do sujeito desejante, sob a primazia do processo secundário, de renúncia e soberania do recalque. A introjeção do ideal corresponde a uma organização mental, pautada no que se escolheu chamar de ‘grandes narrativas’, pelas vias da ordenação hierárquica da família e da tradição como ordenadores simbólicos na cultura e na civilização.

2.3.1 – O declínio da função paterna e a formação do eu

Seguimos a teoria freudiana no que diz respeito à constituição egoica, a partir da teoria do narcisismo (1914). Também foi possível circunscrever a formação do eu freudiano

articulado à dupla função do ideal e às repercussões na constituição do recalque, além da apropriação desses termos, com o objetivo de sintetizar o comportamento contemporâneo do eu.

Partiu-se do pressuposto que a decadência da função paterna e das amarras simbólicas, substituídas por uma maior permissividade, diminuíram a atuação da censura das exigências inconscientes. O representante psíquico da voz parental introjetado pelo ideal do eu no estatuto de modelo a ser seguido é fator essencial para a constituição da instância egoica atrelada ao compartilhamento social. Esse momento inicial na vida do eu, em que se inaugura a entrada no laço simbólico e a ação do recalque como defesa diante da ameaça de castração, demanda uma identificação ao Outro paterno, da lei e da autoridade fálica.

A proposição dada por Freud (1914) ensina que o processo de identificação marca o eu através do ideal, representante da lei social e da ordem simbólica, o orienta em direção à função paterna. Em contradição ao caráter coletivo da ação simbólica, própria da constituição do ideal do eu, vive-se numa sociedade assinalada por convivências cada vez mais isoladas, individualizadas e soberanas no que tange à relação fechada em 'si mesmo'. O modelo atual, tipicamente narcísico, de funcionamento egoico, corresponde ao eu ideal no seu caráter imaginário e egocêntrico, isto é, que não se identifica ao Outro da função simbólica, mantendo-se fixado no seu próprio narcisismo, onde o seu eu serve como padrão a ser seguido.

O ideal do eu se vale como referência na constituição do eu. A partir dele, novos dispositivos psíquicos se formam, próprios do laço social e do compartilhamento simbólico. Os dispositivos psíquicos, ativos por meio do ideal do eu, servem de norteador moral para o sujeito, constituem o recalque e introduzem a lei fálica ao desejo incestuoso. Tal dinamismo é a fonte da angústia neurótica, a qual encontra destino através da ação do recalque e da primazia do mecanismo simbólico sobre os impulsos inconscientes.

O enfraquecimento do Nome-do-Pai e o afrouxamento do recalque também comprometem a introjeção do ideal do eu. O eu, na ausência de um modelo parental, se identifica com a posição de objeto do eu ideal. O excesso pulsional sem medida ou a mediação pelo simbólico não encontram no recalque um destino possível, aparecendo de forma mortífera. Sabe-se que as exigências pulsionais não cessam e não se reduzem à satisfação em um único objeto do mundo externo.

De acordo com o que já foi explicitado, a partir da teoria freudiana, a função paterna desempenha a função de interditar o gozo materno e, apresenta-se como agente da

castração. Ao se dispor como ideal fixado na cultura, o pai se oferece como referência, permitindo se ocupar o lugar do Outro da lei. A partir da introjeção do ideal, se fixa no eu infantil uma nova função, que posteriormente dará lugar ao supereu. Essa voz superegoica é reguladora, vigia a distância entre o eu e o ideal. A relação entre o casal, nesse sentido, assegura a ordenação fálica, na medida em que o outro materno deseja para além da criança, fazendo com que o eu se direcione ao pai, detentor do falo. O pai, de modo semelhante, tem seu desejo vinculado à mulher, para além da posição de mãe, o que assegura um corte na relação de alienação mãe-bebê.

A hipótese presente nesse trabalho é a de que o eu atual está desconcertado quanto às suas referências e identificações. Isto se justifica por uma inibição do Outro paterno em ocupar a posição ímpar de representante do Nome-do-Pai, agente da castração, numa sociedade horizontalizada. Como consequência, se acentua a disseminação de uma mentalidade de direitos, maior liberalização dos desejos e desconsideração pela lei e pela ordem, como ordenadoras dentro de uma cultura. O homem, na posição masculina, também tem seu desejo ameaçado dentro de uma nova ordem simbólica, já que esta retira da função paterna seu lugar de exceção à regra a partir da supremacia do falo.

Logo, é possível recolher novas elaborações de subjetividades, ancoradas na contradição do ideário social individualista e na estruturação inconsciente dos sexos. Os temas da angústia, indecisão, insegurança, solidão e depressão aparecem de maneira acentuada nos discursos atuais, o eu não se ancora dentro dessa nova ordem vigente. O que se nota, portanto, são sujeitos desorientados quanto à posição subjetiva, que não encontram na realidade ou na fantasia possíveis destinos ao caos pulsional e, para os quais a ação do recalque não se faz valer devido a uma constituição egoica frágil, instável, imediatista e pulsional.

Freud (1905) em *Três ensaios sobre a sexualidade infantil* afirma que a sexualidade humana é desenvolvida da infância até a maturação genital. Também, através da passagem pelo Complexo de Édipo a criança encontra na diferença sexual o grande trauma pela ameaça de castração, simbolicamente representado pela presença ou ausência do falo. O encontro traumático com essa diferença promove uma ferida ao narcisismo infantil e instaura uma defesa psíquica através do recalque, nos casos de neurose. A partir daí a sexualidade infantil entra na fase de latência até a puberdade, na qual, novas formas de enlaçamento amoroso vão surgir como substitutos ao amor incestuoso.

Também o sofrimento neurótico sofreu mudanças, uma vez que a dinâmica das funções parentais se modificou. As pacientes histéricas de Freud sofriam ao recalcar o desejo

incestuoso, incompatível com a consciência e com a moral. O sofrimento presente na época freudiana, era de ordem moral, as pacientes viviam um sofrimento psíquico que alcançava o corpo, dando-lhe caráter pulsional. Na contemporaneidade, o sofrimento é ainda anterior, fixado num corpo fragmentado em que a força pulsional não possui qualquer amarra através do simbólico e sem qualquer defesa entre o psíquico e o somático, impregnados, portanto, em identificações imaginárias – bulímicos, toxicômanos, anoréxicos, consumistas compulsivos, eternos depressivos, etc.

A entrada no simbólico é a marcada pelo afastamento da relação dual mãe-bebê. O consentimento da saída da posição de objeto do gozo materno provoca uma perda, todavia, possibilita uma novidade no campo do eu, a partir do desejo, marcado pelo laço social. Sendo assim, a possibilidade presente no laço social dentro da cultura permite o aparecimento do sujeito desejante, de autonomia e inventividade, através do trabalho, da família e do pacto social, para além da alienação ao desejo pulsional.

De modo díspar do que se espera em um mundo de inúmeras oportunidades, em que o sujeito é convocado a responder de diversos lugares e tomar novas decisões, o eu atual permanece paralisado. A exigência contemporânea que marca o eu ‘eu posso ser o que quiser’ demanda de igualdade, que forma uma resposta e, convoca o eu a agir, o que se colhe, entretanto, é o prolongamento da posição de objeto desprovido de recursos para se responsabilizar pela sua posição no mundo.

A simbolização da diferença sexual proporciona ao sujeito uma liberdade própria, pela lei simbólica e propicia uma possível organização pulsional, que instaura um desejo. As posições delimitadas pelos diferentes discursos facilitam a ascensão do sujeito em sua autonomia e na sua capacidade de retificar-se e reinventar-se dentro da linguagem. Concorda-se com Jacques Lacan que radicaliza a disjunção entre o sujeito do inconsciente e o eu, fazendo deste último, lugar da alienação e do desconhecimento do vazio de verdade.

A submissão à ordenação simbólica permite ao sujeito neurótico sua inventividade descobrimento e autonomia, lugar de exceção ao gozo mortífero. O arcabouço da linguagem proporciona as mais diversas possibilidades e facetas, através da razão, criação e elaboração. A retificação da posição subjetiva, considerando o arcabouço social, inaugura a responsabilização de si, o que possibilita ao sujeito arriscar-se na vida com mais garantia e segurança. A passagem do eu narcísico referido a si como ideal, em direção ao sujeito social, contempla a renúncia ao prazer imediato e às satisfações

pulsionais e permite uma nova forma de se representar na linguagem, mais vinculada à civilização.

O ímpeto em direção às satisfações imediatas aparece no sujeito recalcado por meio dos sintomas, que denunciam o resto do gozo fixado na posição de objeto. A divisão do sujeito entre o desejo inconsciente e o laço social movimenta a vida pelas pulsões sexuais e pulsões do eu, em direção à morte, natural a todo ser humano. A pulsão de morte, pulsão por excelência, permanece algo simbólica, orientada pelos processos secundários e pelos sintomas através de uma compulsão à satisfação, um certo gosto no sofrimento que não cessa.

Quando a simbolização não tem a primazia na operação dos processos mentais, a pulsão de morte aparece no seu caráter ainda mais mortífero. Sem qualquer possibilidade de destino mais equiparado ao recalque, o que se apresenta são atos imediatos, diretos no corpo, marcados por forte impulsividade e agressividade. As lacerações da pele, os cortes, deformações visuais da imagem representam o declínio do simbólico nas subjetividades frágeis e em suas defesas contra o excesso pulsional sem lei.

Segundo Freud a posição subjetiva diante do Complexo de Castração delimita a defesa psíquica e a estrutura subjetiva: neurose ou psicose. A defesa pelo recalque estaria a serviço do laço social, levando a censura dos desejos inconscientes. Quando o recalque opera, o sujeito cria dispositivos atrelados à vida para lidar com as demandas da realidade e com as demandas inconscientes, o que permite ao eu se tornar também um eu social no seu laço com o simbólico.

Coelho dos Santos relata que, os sentimentos contemporâneos de revolta contra a autoridade e negação da ordenação fálica se explicam através de uma atitude tipicamente feminina em relação ao pai. Tal característica feminina faz referência à posição da mulher no triângulo edípico, comportamento que ultrapassa a neurose feminina e parece se estender para a cultura do narcisismo. Assim: “A precariedade do pai estende-se do diagnóstico da psicopatologia das mulheres para a psicopatologia de todos os seres humanos. Precariedade universal do pai: narcisismo ou dependência acentuada da mãe.” (COELHO DOS SANTOS, 2001, p. 113).

O declínio da ordem fálica, a maior dependência do outro materno e a fluidez das identificações ao mestre, somados à radicalização das exigências individualistas provocariam um novo desejo: desejo de ser si mesmo. Concordamos quando Coelho dos Santos (2001) afirma que, quando liberado da repressão externa e da coerção social o sujeito, ao invés de viver livre das amarras, como na fantasia edípica, parece exposto a

uma autoridade ainda mais radical: essa nova exigência, de governar a si mesmo, cria uma nova encruzilhada, de difícil solução e para cumpri-la é necessário conhecer a si mesmo ou se guiar por um Grande Outro ainda mais autoritário.

A nova ordem narcísica, por conseguinte, ultrapassa a questão moral da idealização do Nome-do-Pai e gera tensões de outra ordem, na permanência da identificação à posição de objeto de gozo materno. Nesse novo cenário, o sofrimento individual se direciona por uma incapacidade de autorregulação, autoestima e sublimação. A partir daí o desejo passa a refletir a posição de dependência em relação à mãe e a retratar a mentalidade contemporânea, marcada pela falta de autonomia, independência e afrouxamento dos ideais da cultura.

2.4 – A psicopatologia clássica e as novas formas de sofrimento do eu

No século XXI estamos vivendo um tempo de muitas mudanças sociais, em que os casos clínicos que se apresentam não são mais tão claramente casos de neurose ou psicose, como na época de Freud. A clínica atual parece mais confusa e carregada de patologias do narcisismo, oriundas justamente do fracasso da função paterna, numa civilização em processo acelerado de mudança, bastante influenciada pela liberação sexual e pelo feminismo. Os pacientes são o que a clínica psicanalítica chama de borderline, casos de difícil classificação, que mesclam características da neurose e da psicose e que, se caracterizam, em particular, por patologias do eu.

A questão da imagem e do imaginário aparece aqui novamente, a partir da compreensão teórica e clínica acerca dos novos sintomas. Diante da ausência de garantias quanto à eficácia da função paterna, a noção de sintoma sofre uma alteração, não sendo tomada unicamente como uma formação de compromisso. Portanto, são soluções que não se configuram como respostas sintomáticas do conflito neurótico clássico, entre o desejo e o eu. Neste sentido: “Os novos sintomas não têm, em princípio, a estrutura do sintoma clássico, como um retorno do recaiado.” (ZUCCHI & COELHO DOS SANTOS, 2007, p. 63).

Os “novos” sintomas só têm sentido se estivermos querendo dizer que eles não são estruturados a partir da metáfora paterna, pois se trata de sujeitos que tomam o corpo como parceiro e parecem desconsiderar a autoridade paterna e o laço social. A metáfora paterna é o ponto de partida, do qual o sujeito pode narrar e ressignificar sua história em função da introdução de um traço ao redor, em torno do qual toda a narrativa se constitui, sem esta identificação o eu se constitui distanciado do ideal paterno.

Freud (1914) quanto à função paterna inscreve o ideal de fora no psiquismo, por meio da ameaça de castração, pois ali, também se instaura uma nova métrica, diretriz de comportamento diante do outro e da realidade. Portanto, o Nome-do-Pai é a medida comum a todos, ou seja, a lei simbólica com a função de interditar o gozo e permitir o desejo. A inscrição do eu no compartilhamento social lhe garante novos destinos pulsionais, sublimação e identificação, perpetuando a primazia dos processos secundários do mecanismo psíquico. A partir dos novos sintomas, observam-se casos em que a metáfora paterna não opera em nome da primazia do simbólico e onde a castração parece rejeitada no seu tocante mais narcísico.

De acordo com Lacan (1955-56) a distinção entre as estruturas de neurose e psicose baseia-se justamente na presença ou ausência da simbolização do Nome-do-Pai. Na psicose clássica, o Nome-do-Pai está foracluído do simbólico e não garante a interdição do gozo, portanto, não instaura a lei do desejo e da diferença sexual, substituindo o desejo pelo gozo.

O eu sofre as influências das mudanças sociais hedonistas vividas no último século. Os imperativos narcísicos do consumismo e imediatismo transformaram as subjetividades que surgiram nesse contexto. Como exemplo, o ‘É proibido proibir’, que retrata o clamor pela liberalização das satisfações e temor pela limitação ao gozo. Atualmente, o ideal como fiel representante da moral e da ética não parece agir na ordenação psíquica e, passa a ser substituído por um ideal bem menos exigente quanto à interdição. Como consequência da perda do ideal autoritário, o recalque também sofre declínio, dando espaço para o aparecimento de comportamentos narcísicos.

Nesse aspecto, Coelho dos Santos (2016) concorda com Miller ao afirmar que o par, castração-inconsciente, não prevalece no funcionamento psíquico contemporâneo, mas sim, o par *sinthoma*-pedestal, correlativo ao conceito narcisismo-sublimação (destino pulsional que não envolve a sexualidade). Isso ocorre por uma mudança na obtenção da satisfação na contemporaneidade, antes fundada a partir da economia psíquica de renúncia do gozo e então, substituída pelo imperativo sadiano do gozo. A proposta é de que as características da contemporaneidade facilitarão o declínio do recalque e facilitarão o desmentido da castração na fantasia neurótica. Por conseguinte, o incentivo ao consumo e à lei de mercado serviria para alimentar a lógica de empuxo ao gozo em excesso, sem limitações: “Quando é proibido proibir, não é preciso mascarar o gozo fantasmático, recalca-lo ou escondê-lo. Podemos exibi-lo, assumi-lo, escancará-lo e até

vendê-lo no mercado para satisfação de outros indivíduos.” (COELHO DOS SANTOS, 2016, p. 569).

Pode-se dizer que os impulsos justificados pela lógica capitalista introduzem uma nova modalidade de gozo. A adesão aos excessos leva o sujeito contemporâneo a adquirir cada vez mais, impulsionando o consumo desenfreado. A contemporaneidade nos ensina, através da cultura do narcisismo, que, para ser feliz, é preciso gozar, ser satisfeito em sua completude e em si mesmo, porém, a lógica de mercado acaba por desconsiderar o outro, os limites da realidade e do recalque.

O excesso sem lei simbólica é da ordem do imaginário, do funcionamento psíquico exclusivamente do eu narcísico e de uma realidade psíquica contemplada pela fantasia de onipotência e completude. A neurose atual não foge dessas medidas e, o mal-estar aparece através do desmentido banal da castração sob uma tentativa de obter ‘sempre mais’. As licenças para gozar, as pequenas transgressões da lei e a identificação com a vítima são características subjetivas, que estão de acordo com a sociedade atual (COELHO DOS SANTOS, 2016).

Se antes a organização social facilitava a adesão ao recalque, hoje se vê o império das imagens, do imaginário, do eu ideal, próprio do narcisismo primário. A constituição subjetiva sonha com uma realidade sem amarras inibitórias e sem recalque, fantasia compreendida como uma forma de perversão banal. A partir daí a idealização passa a ser mais fluida e o recalque é abalado na sua constituição pela ausência de referenciais sólidos que se façam valer como ideal. O resultado aparece através de atitudes cada vez mais vinculadas ao eu, favorecido pela imagem e pela fantasia. Aos pequenos reis, a lei simbólica não impera, mas sim seus desejos que devem ser atendidos a tempo e na hora, em desacordo ao bem social.

O sofrimento atual se vincula ao sofrimento narcísico, do eu, que não se completou em ‘si mesmo’ e precisa de outro que lhe garanta uma satisfação, privilegiando seu lugar de exceção. Sobre isso, vemos as mais diversas expressões de um funcionamento primário, imaginário, próprios do eu. As dificuldades aparecem no tocante das privações e penalidade, além de uma importante dificuldade de responsabilização por si, pelos seus desejos e suas atitudes. O que antes caracterizava a vida adulta, agora se torna um entrave ao eu contemporâneo, que se mantém sob um funcionamento primário.

Pode-se dizer que a vida adulta na contemporaneidade é marcada pelo funcionamento primitivo da instância egoica e as funções simbólicas não estão em privilégio no

funcionamento psíquico. O traço contemporâneo do lugar de exceção também pode ser representado pela identificação à vítima (COELHO DOS SANTOS, 2016).

Ainda, a nova economia psíquica de primazia do gozo não descarta a existência do Outro das identificações, mas numa atitude histórica se volta contra ele. A hipótese de Coelho dos Santos (2016) é que, estaríamos vivendo diante de uma radicalização no campo da histeria de decepção ao mestre. Para a autora, a histórica, com base em Lacan: “é aquela que diz que o pai é castrado, isto é, não está à altura da função, é doente, moribundo, ex-combatente, ex-genitor”. (2016, p. 586).

Para Lacan (1973-1974)¹³, a ordem social atual seria equivalente a uma “ordem de ferro” pois é ainda mais feroz do que a interdição incestuosa do Nome-do-Pai. Coelho dos Santos (2016) afirma ainda que, a liberdade sexual presente nos dias de hoje retirou do sexo as características de enigma e mistério, assim a perversão, negativa da neurose, própria do indivíduo perverso-polimorfo, torna-se ordinária, no sentido banal.

Os sintomas atuais, chamados de “difícil classificação”, deixam dúvidas quanto à estrutura, uma vez que dizem respeito a um momento anterior ao Édipo. O sofrimento psíquico não diz respeito à interdição do desejo inconsciente, trauma do encontro da diferença sexual e da fantasia edípica. O que antes era compreendido como um sofrimento moral do sujeito, dividido entre o desejo inconsciente e o recalque, é substituído por uma nova configuração neurótica, na qual prevalecem limitações no eu e seu enrijecimento na posição de objeto.

A hipótese é de uma nova configuração do eu que aponta para uma novidade no campo da identificação ao ideal. O eu freudiano é marcado pela identificação a função paterna e a idealização no Nome-do-Pai. O investimento do eu é deslocado para o ideal, herdeiro do complexo de Édipo e representante moral no eu. Em oposição, o eu atual se apresenta como desvinculado do ideal da função paterna, representante mestre da autoridade fálica. Todavia, a identificação parece estar atrelada à posição de objeto de desejo do outro, como uma identificação histórica radical.

A partir da primeira tópica do aparelho psíquico, vimos que o sujeito se divide entre duas instâncias em conflito: o inconsciente e o pré-consciente/consciente. A primeira é regida pelo princípio do prazer, através da repetição do prazer obtido na satisfação dos desejos infantis. A segunda visa amenizá-lo, a partir das exigências da realidade e da cultura. Uma barreira chamada censura as separa radicalmente, marcando o sujeito como estando

¹³ Inédito.

dividido entre dois desejos. As autoras Coelho dos Santos e F. de Oliveira (2017) afirmam que o caráter do homem surge a partir das renúncias impostas pelas exigências civilizatórias à satisfação das pulsões. Então, também vinculado a formação do eu como uma nova ação psíquica, que interrompe o autoerotismo e irrompe o desenvolvimento do narcisismo primário.

O que Freud introduz nesse sentido, diz respeito ao conflito estruturante da constituição neurótica. A nova configuração de caráter diz respeito a não renúncia dos desejos imediatos, autoeróticos e narcísicos. Quando a função simbólica não se condensa na ação do recalque, novas configurações de caráter surgem, não mais sob o domínio da moral social e, do corte promovido pelo Nome-do-Pai, mas, sob a fixação numa posição narcísica. O eu permanece como instância imaginária, resultado do amor narcísico de si, o próprio eu ideal em sua debilidade diante dos laços sociais e da cultura. O sofrimento segue a mesma ordem, condensado num corpo autoerótico, marcado pelo gozo em excesso, sem organização pulsional e sem possibilidade de ordenação através da supremacia do recalque.

Considerações finais

O objetivo principal desse trabalho foi mapear, a partir dos textos freudianos, a concepção do eu, inaugurada no artigo de 1914 sobre o narcisismo. O artigo sobre o narcisismo foi o ponto de partida da investigação freudiana acerca do eu, revelando a constituição de uma nova função no aparelho psíquico, que se desenvolve através do narcisismo dos pais e pelo investimento de desejo em relação a criança. Freud desenvolve nesse mesmo artigo um importante dispositivo para compreensão do eu na neurose e na psicose: o ideal.

A partir desse momento o eu infantil equivale ao eu ideal no narcisismo primário, vivenciando uma relação alienante com o desejo materno. Quando a posição de objeto não é ultrapassada o outro materno fracassa e a identificação ao objeto de amor é total. Assim o objeto é fixado no eu como uma parte dele próprio, na tentativa de manter o objeto para si, nos mesmos moldes em que se estrutura a melancolia. Na psicose os delírios de megalomania e a vivência paranoide na melancolia demonstram o mecanismo egoico sem intermediação do recalque.

Já nos casos de neurose o eu infantil é marcado pela saída da posição narcísica, a partir da entrada da função paterna. A entrada de um terceiro na relação com a mãe faz um corte

no eu ideal, tal como uma ferida narcísica. Na neurose a identificação é parcial a partir de traços do objeto idealizado. A internalização do ideal externo como ideal a ser seguido impõe ao eu as leis e regras da cultura. Desse momento em diante o ideal do eu será o agente regulador do eu real, dimensionando a distância entre o eu e o ideal. Quanto mais próximo o eu estiver do seu ideal, maior a satisfação narcísica vivida, e maior o amor de si.

No artigo sobre o narcisismo, Freud sobrepõe o eu alienado ao desejo do outro materno, relação primordial que deixa suas marcas no eu através da identificação ao objeto. No processo identificatório o corpo toma o lugar do objeto com o qual o sujeito goza. O eu expressa, na megalomania e na melancolia duas modalidades de disfunção que expressam supervalorizações do objeto nele instalado. No melancólico ele está depreciado e na megalomania está enaltecido. De um modo ou de outro, o objeto está ali, seja pelos seus defeitos ou pelas suas qualidades.

Também vimos a partir de *O estágio do espelho como formador do eu* de 1949, que Lacan fundamenta uma tese, então inédita no interior da Psicanálise, relativa à importância da imagem na constituição subjetiva e na concepção psicanalítica do narcisismo. Este momento mítico diz respeito ao reconhecimento de si por intermédio do olhar do outro. O encontro com o espelho coloca o outro no lugar do espelho, que investe libidinalmente no objeto, e através do olhar de fora organiza o corpo em imagem.

De início o corpo é fragmentado e a partir do narcisismo parental, ele é organizado sob um olhar de amor. A imago do eu antecede o seu aparecimento, na medida em que o eu é investido como um outro objeto. Quando o eu reconhece o protótipo de uma imagem no espelho, esta imagem está vinculada ao outro a partir da filogênese da espécie humana. O eu inicialmente é compreendido como um objeto fora do próprio eu, que é investido e desejado na cadeia da linguagem, assim o eu se reconhece na sua imagem, tomada como ele mesmo no percurso da ontogênese, em concordância com a imagem especular.

A imagem especular, a imagem refletida no espelho, torna-se o principal paradigma ao se tratar do imaginário em Lacan. Desta forma, a noção de narcisismo elaborada por Freud ganha um novo âmbito teórico ao ser percebida na observação de uma experiência psíquica que se provém da observação da criança em seus primeiros meses. A imagem especular tem efeitos formadores, “como uma identificação” que no estágio do espelho produz uma transformação no sujeito quando esse assume sua imagem. Esta antecipação do eu a partir das suas relações com o Outro irá inaugurar o eixo imaginário, associado ao encadeamento do eu no laço social.

O conceito de narcisismo é certamente um dos mais complicados da obra freudiana porque nele está envolvido um duplo aspecto do eu, inicialmente atrelado à posição de objeto desejado, e então como instância desejante dentro da cultura. Freud supõe que a ontogênese repete a filogênese, e a natureza desta repetição frequentemente implica uma sucessão, uma sequência determinada de etapas, que ele vai chamar de etapas da libido, que comportam a vida libidinal. O corpo passa a ser entendido como fragmentado e se unifica pelo aparecimento do eu, organizando a sexualidade infantil de acordo com a primazia do órgão sexual, a partir do Complexo de Édipo.

Há um circuito pulsional envolvido no surgimento do eu, baseado na sua imagem e semelhança ao outro. Para que o sujeito surja no campo do desejo e da sexuação é preciso primeiro que as pulsões sexuais sejam enganadas tomando o eu como objeto. Freud em 1923 em *O Eu e o Isso* afirma que o eu se constitui ao se oferecer de objeto de amor ao isso, recebendo de lá as pulsões sexuais necessárias para se desenvolver. O eu, a partir desta concepção, tem efeito de engano, de modo que as pulsões sexuais enganam-se tomando o eu como objeto. Ao fazer isso o eu se apropria da libido sexual e passa a investir nos objetos do mundo externo, se tornando reservatório de certa quantidade de libido e também adquire energia pulsional, na sua posição como objeto: a dupla faceta do eu como objeto desejado e objeto desejante.

No início a teoria psicanalítica iguala o inconsciente à sexualidade infantil recalcada. Freud estende a concepção de sexualidade a tudo o que visa o prazer e tem como fonte de pesquisa dos sintomas histéricos as excitações despertadas na vida infantil. A princípio, os objetos da pulsão sexual são articulados a fala do Outro primordial, que nomeia as necessidades da criança e manuseia seu corpo, também ali há uma demanda de amor que instaura uma forma de satisfação. No mundo humano, a ausência do equipamento instintivo coloca o sujeito numa posição única, representada pelo o que Freud (1989) chama de desamparo originário. O homem nasce completamente dependente de um Outro que dele cuide, zele, ame, sustente e alimente. Esta relação inicial de pura dependência ao Outro coloca o sujeito intrinsecamente apoiado na cadeia da linguagem, do que lhe é dito de acordo com o desejo do Outro.

Portando, no início da vida psíquica o sujeito é falado pelo Outro que dele cuida, instaurando um laço de amor e uma memória inconsciente que tende a se repetir, por intermédio de caminhos facilitados gerando satisfação (FREUD, 1989). O que está dado é o corpo fragmentado pela pulsão em completa desordem, somente a partir do nascimento do eu as pulsões autoeróticas se organizam no corpo totalizado e unificado de

acordo com a imagem. Freud (1923) afirma que o eu é antes de tudo um eu corporal, portanto, a partir das sensações, percepções e contato com o mundo externo o eu se constitui como prolongamento do isso diante da realidade.

A relação do sujeito com o mundo externo, em decorrência das vivências internas, irá demarcar os caminhos facilitados da memória inconsciente. Estas facilitações de caminhos irão se repetir ao longo da vida, de forma a privilegiar o prazer e evitar o desprazer. No artigo *A Interpretação dos Sonhos* de 1900, Freud elabora um esquema tópico do aparelho psíquico que separa duas funções: o Inconsciente o Pré-Consciente/Consciência. Ali o inconsciente se refere ao que está fora da consciência e é barrado pela censura, já a consciência está em contato com as percepções e com a realidade, gerenciando a motilidade como forma de liberar as excitações provenientes do inconsciente. Ainda em relação aos sonhos Freud fundamenta o aparelho psíquico de acordo com o princípio do prazer/desprazer, em que o aparelho a fim de evitar o desprazer tende a liberar o excesso de energia, assegurando o prazer.

O princípio para além do princípio do prazer aparece desde 1914 no artigo *Recordar, Repetir e Elaborar*, através da compulsão a repetição. Freud notou que alguns pacientes pareciam agir contrariamente a evolução da cura pelo dispositivo analítico. Nesses casos o eu do sujeito parecia atuar de maneira contraditório ao desejo consciente de cura, ao se voltar contra a interpretação. As satisfações envolvidas no apego ao sintoma e na repetição de sensações de sofrimento configuram uma teorização acerca da pulsão de morte.

Desde o artigo de 1900 foi percebida uma dicotomia entre o prazer para a instância inconsciente que quando rompe a consciência também sob o princípio do prazer (liberação de excesso), se coloca como problemática. Entretanto, essa questão só vem a ser desenvolvida a partir de 1923, na medida em que o eu passa também a estar atrelado ao isso, a serviço dele e englobando na sua origem tendências inconscientes.

Portanto, o sujeito freudiano nasce a partir do desamparo originário de um corpo marcado por pulsões sexuais fragmentadas e sem um agente regulador que gerencie a auto conservação, até que seja desenvolvida a partir do narcisismo parental. De início os interesses pulsionais não convergem naturalmente no sentido de um interesse sexual genital. A boca, o olhar, a voz, o cheiro, o funcionamento esfíncteriano, o próprio órgão sexual funciona de uma maneira errática, auto erótica. É possível falar do interesse sexual reprodutivo no plano filogenético, como um interesse da espécie, não necessariamente do

indivíduo. Também as perversões estão como testemunho de como o sujeito pode passar inteiramente distanciado do interesse da espécie.

Necessariamente o que inclui o indivíduo na ordenação sexual a partir do falo é a relação com o Outro que instaura uma forma de satisfação, o eu na posição de objeto do Outro que ama. A ilusão do amor é um dos elementos que promovem a passagem do autoerotismo ao narcisismo, ou seja, promovem a passagem da parcialidade das pulsões à unidade da imagem. É preciso incluir o Outro e sua sedução para entender como alguém pode vir a amar uma imagem e, então, eleger um objeto para ser amado conseqüentemente. De modo que o que é primário ao sujeito não é a a relação dele com a imagem, é a relação do dele com o Outro.

Freud (1913) enuncia a constituição subjetiva do homem moderno, baseando-se na internalização da autoridade paterna, como um resíduo do pai como mestre, personificado na religião pela figura de Deus declinada com o advento da ciência moderna na contemporaneidade. A elaboração edípiana confere à proibição do incesto a causa da impossibilidade do gozo com o objeto incestuoso. O sistema edípiano é ancorado pelo mito da horda originária, que articula o sentimento de culpa e o parricídio à origem da lei da interdição do incesto como condição para a civilização.

O estatuto da função paterna em Freud é equivalente ao pai edípico, responsável pela transmissão da lei e pela diferença geracional no interior da organização familiar. A função do pai assegurada pela posição sagrada do Nome-do-Pai carrega consigo o totem do pai morto e o tabu do incesto. A cultura tem como objetivo domesticar as tendências perversas da sexualidade infantil, impondo a moral sexual e direcionando a sexualidade para a reprodução da espécie, em concordância com a vida.

Além disso, vimos ao longo desse trabalho que o século passado foi marcado por uma série de alterações no campo do sujeito e do laço social. Ambos afetados pelos acontecimentos de maio de 1968, pelo avanço das reivindicações das minorias, pelo antipaternalismo e pelos efeitos do discurso da ciência. A atualidade incita a maximização do excesso, a satisfação ilimitada e imediata com objetos que podem ser comprados, trocados, adquiridos sob a promessa de obtenção da ‘felicidade’.

A primazia da imagem aparece nesse contexto em que as constituições subjetivas estão de acordo com o cenário social vigente e onde as fantasias e ficções de cada um parecem imperar sob o simbólico. As conseqüências extraídas em tempos de declínio da função paterna e da horizontalização dos laços sociais perpassam o conflito edípico e alcançam o narcisismo. A autoridade simbólica embasada na diferença geracional, na castração, na

organização fálica e na transmissão de ideais já não é mais a via ordenadora do sujeito no laço social.

Como resultado, os sintomas também não são mais os mesmos e aparecem como “difíceis de classificar” entre a neurose e a psicose. Esses novos sintomas se alicerçam no corpo como objeto e sofrem em atos no corpo o conflito na organização egoica. São os casos de obesidade, toxicomanias, depressão, anorexias, bulimias, que apresentam novas dificuldades e encobrem a negação ao laço social. Não estão referidos a um Outro consistente como metáfora paterna e são pouco sensíveis à interpretação. Na cultura freudiana, o império da neurose delimita a fantasia como recalcada, do gozo da pulsão, empuxo à transgressão amarrado pelo recalque, impedindo o aparecimento de uma ordem recalcante muito mais forte.

Por fim, diante destas considerações, as formalizações freudianas ao longo de 1920 localizam no eu um aspecto pulsional proveniente do isso que se relaciona com o laço social para além das amarrações simbólicas. Além do estudo metapsicológico acerca da estruturação do eu e do laço social, este trabalho se propôs a realizar um estudo do eu a partir do narcisismo anteriormente à compreensão do Édipo. A prática clínica com pacientes acometidos por uma doença grave no corpo em situação de terapia intensiva enunciou todo um trabalho de pesquisa referente a constituição do ideal, do corpo e da regulação egoica.

As reações subjetivas diante da ameaça de morte revelam como a doença aponta para a castração, ao desvelar o véu da censura e edificar o eu na posição de objeto. O mal-estar que daí se segue direciona nossa pesquisa em relação ao narcisismo secundário, retorno da introjeção da libido no eu e desinvestimento da libido nos objetos do mundo. O luto que advém do adoecimento e do tratamento revela a fragilidade egoica diante da morte como impossível de simbolizar e inaugura uma alteração no eu ao final do seu processo. Os objetos permanecem retidos na fantasia e novas ligações com a vida, o laço social e a história subjetiva redimensionam o sujeito no campo do desejo e do laço social, através de uma certa dignidade pelo existir ainda mais atrelada à renúncia ao gozo.

Referências bibliográficas:

- ARENDDT, HANNAH. **A Condição Humana**, Relógio D'Água, Rio de Janeiro, 2001.
- ARENDDT, HANNAH. **Entre Passado e Futuro**, Relógio D'Água, Rio de Janeiro, 2006.
- COELHO DOS SANTOS, T. **A prática lacaniana na civilização sem bússola**. In Coelho dos Santos (org.), **Efeitos terapêuticos da psicanálise aplicada**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.
- COELHO DOS SANTOS, T; OLIVEIRA, F. A atualidade dos termos caráter e personalidade. **Revista aSHEPallus de Orientação Lacaniana**. Rio de Janeiro. v.12, n 24, p. 5-16, mai-nov, 2017.
- COELHO DOS SANTOS, T.; ZUCCHI M. A. **Estrutura e gozo: os novos sintomas como solução na neurose e na psicose**. In Freire, A. B. (Org.). **Apostar no sintoma** (p. 61-83). Rio de Janeiro, 2007.
- COELHO DOS SANTOS, T; SANTIAGO, J; MARTELLO, A. **Os Corpos Falantes e a Normatividade do Supersocial**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2014.
- COELHO DOS SANTOS, T. O Outro que não existe: verdade verídica, verdades mentirosas e desmentidos veementes. **Ágora**. Rio de Janeiro. v. 19 n. 3, p 565-583, set-dez, 2016.
- COELHOS DOS SANTOS, T; GUEDES, R. **Psicanálise, Ciência e Discurso**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2013.
- COELHO DOS SANTOS, T. **Quem precisa de análise hoje?** O discurso analítico: novos sintomas e novos laços sociais. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- CUPA, D. **La pulsion de cruauté**. *Revue Française de Psychanalyse*, v. 66, 2002.
- DAVID, H.; JACQUES, A.; YI, M.; et al. **La Folie Maternelle Ordinaire**, Paris: Presses Universitaires de France. 2006.
- DUFOUR, D. **O Divino Mercado: A revolução cultural liberal**. Rio de Janeiro: CIA das letras, 2009.
- DOR, J. **O pai e sua função em psicanálise** (D. D. Estrada Trad.). Rio de Janeiro: Zahar, 1991.
- FREUD, S. **A Interpretação dos Sonhos**. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, vol. 5, 1900.
- FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, vol. 7, 1905.
- FREUD, S. **Sobre o narcisismo**: uma introdução. In: **Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, vol. 14, 1914.

- FREUD, S. **Recordar, repetir e elaborar.** In (J. Strachey Ed. e J. Salomão, Trad.), ESB. (Vol. 12, p. 13-74). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Original publicado em 1914).
- FREUD, S. **O inconsciente.** In (J. Strachey Ed. e J. Salomão, Trad.), ESB. (Vol. 14, p. 171-209). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Original publicado em 1915).
- FREUD, S. **Os instintos e suas vicissitudes.** In: Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, vol. 14, 1915.
- FREUD, S. **Repressão.** In: Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, vol. 14, 1915.
- FREUD, S. **Luto e melancolia.** In: Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, vol. 14, 1917.
- FREUD, S. **Psicologia de grupo e a análise do ego.** In (J. Strachey Ed. e J. Salomão, Trad.), ESB. (Vol. 18, pp. 77-154). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Original publicado em 1921).
- FREUD, S. **O Ego e o Id.** In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, vol. 19, 1923.
- LACAN, J. **O estádio do espelho como formador da função do eu.** In Escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACAN, J. **O seminário, livro 1:** escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.
- LACAN, J. **O Seminário, livro 2:** o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (A. Menezes, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Original ministrado entre 1954-1955), 1985.
- LACAN, J. **O Seminário, livro 3:** as psicoses. (A. Menezes, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Original ministrado entre 1955-1956), 2008.
- LACAN, J. **O Seminário, livro 5:** as formações do inconsciente (A. Menezes, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Original ministrado entre 1957-1958), 1999.
- LASCH, C. **A Cultura do Narcisismo:** A vida americana numa era de esperanças em declínio. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- LASCH, C. **O Mínimo Eu.** São Paulo: Brasiliense, quinta edição, 1900.
- MILLER, J.-A (1996-97). **El Otro que no existe y sus comités de ética.** Buenos Aires: Paidós, 2005.
- ROUDINESCO, E. **A família em desordem.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- ROUDINESCO, E. **Jacques Lacan:** esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- SIBILIA, P. **O Homem Pós-Orgânico:** corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 2002.